ele ela

Como Melhor da
PENTHOUSE

SIMONE
A GATA MAIS OUSADA DE BOB GUCCIONE

EXCLUSIVO
AS PERVERSÕES SEXUAIS DO PASTOR JIMMY SWAGGART

GIANNI AGNELLI
O DONO DA ITÁLIA

AFIF DOMINGOS:
"NOSSA ECONOMIA É HOMOSSEXUAL"

PUNTA DEL ESTE
O MELHOR LOCAL PARA INVESTIR SEUS DÓLARES

SENSACIONAL
A VOLTA DO BARÃO

AVENTURA
O RALLY TRANSANDINO

N.º 239/NCz$ 3,00/PROIBIDA A VENDA A MENORES DE 18 ANOS/MANAUS, BOA VISTA, ALTAMIRA E SANTARÉM (VIA AÉREA), NCz$ 3,30/ANO XX/MAIO DE 1989

ela ele

CAPA

Simone 51
Por Earl Miller.

CHARM

Isadora 30
Por Michel Moreau.

Imagens 82
Por Patrick Lichfield.

O Toque da Musa 108
Por Alexandre Costa e Silva.

PERFIL

Gianni Agnelli 18
Por Ivy Fernandes e Sérgio Costa.

ENTREVISTA

Guilherme Afif Domingos 70
Por José Fonseca Filho.

SIMONE

PUNTA DEL ESTE

AFIF DOMINGOS

REPORTAGENS

Rally São Paulo — Las Leñas 24
Por Henrique Koifman.

Relatório Barão 38
Por Léo Borges Ramos.

Punta del Este 42
Por Tarlis Batista.

Harry's Bar 48
Por Ivy Fernandes.

Jimmy Swaggart 62
Por Art Harris.

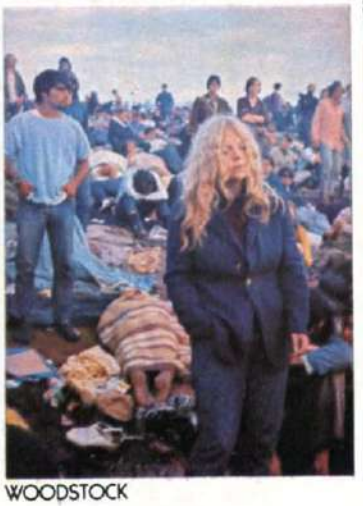
Fred Astaire 66
Por Renato Sérgio.

Woodstock/20 Anos 76
Por Roberto Muggiati.

Masturbação 92
Por Henrique Koifman.

RALLY TRANSANDINO

MODA



WOODSTOCK

HARRY'S BAR

SEÇÕES

Panorama 6
Para ler a dois.

Áudio & Vídeo 88
Por Selmo Leisgold.

Moda 96
Por Beto Simões

Black-Tie 102
Por José Rodolpho Câmara.

Humor 114
Por Marco.

ela

ISADORA

Fotos de MICHEL MOREAU

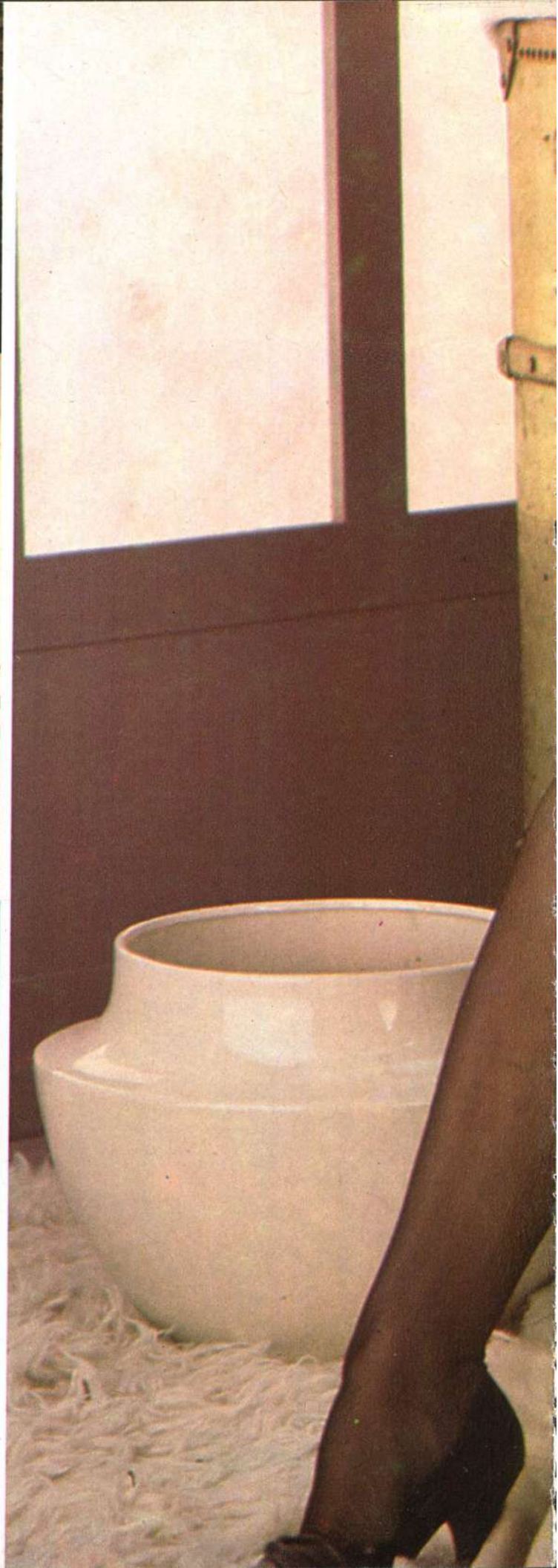
ELA PREFERE, AO CONTRÁRIO DA MAIORIA DAS MULHERES, QUANDO CHEGA O VERÃO, FICAR EM CASA O DIA INTEIRO. "GOSTO DE ESPERAR O FIM DA TARDE E PARTIR EM BUSCA DE EMOÇÕES." SUA PELE, BRANCA E LISA, É PROVA DE QUE ESTA GATA PEQUENINA VIVE A NOITE.

ela

ISADORA

Fotos de MICHEL MOREAU

ELA PREFERE, AO CONTRÁRIO DA MAIORIA DAS MULHERES, QUANDO CHEGA O VERÃO, FICAR EM CASA O DIA INTEIRO. "GOSTO DE ESPERAR O FIM DA TARDE E PARTIR EM BUSCA DE EMOÇÕES." SUA PELE, BRANCA E LISA, É PROVA DE QUE ESTA GATA PEQUENINA VIVE A NOITE.



E quando chega as manhãs, ainda insone e felina, ronda a casa, reconhece seus domínios, faz o inventário solitário de suas aventuras. Amar, claro, faz parte de suas noites movimentadas. Sempre há alguém, ainda que o eleito seja obrigado a sair depois de trazer Isadora em casa e satisfazer seus desejos e caprichos. Porque seus dias lhe pertencem. É assim que ela quer.

O Melhor da PENTHOUSE

SIMONE

É do eixo Paris—Texas a Gata do Mês da revista *Penthouse*. Texana de nascimento mas de ancestrais franceses, ela se chama Simone Brigitte e até ser descoberta pela câmara de Earl Miller trabalhava como consultora de maquilagem para uma grande indústria de cosméticos. Agora, com um pé na calçada da fama, Simone vai mudar de *business* e tentar o *showbizz*. "O sucesso é mais gostoso quando se tem de lutar muito para consegui-lo", diz ela.

Fotos de EARL MILLER

Copyright © 1989, Penthouse International Ltd.

SIMONE

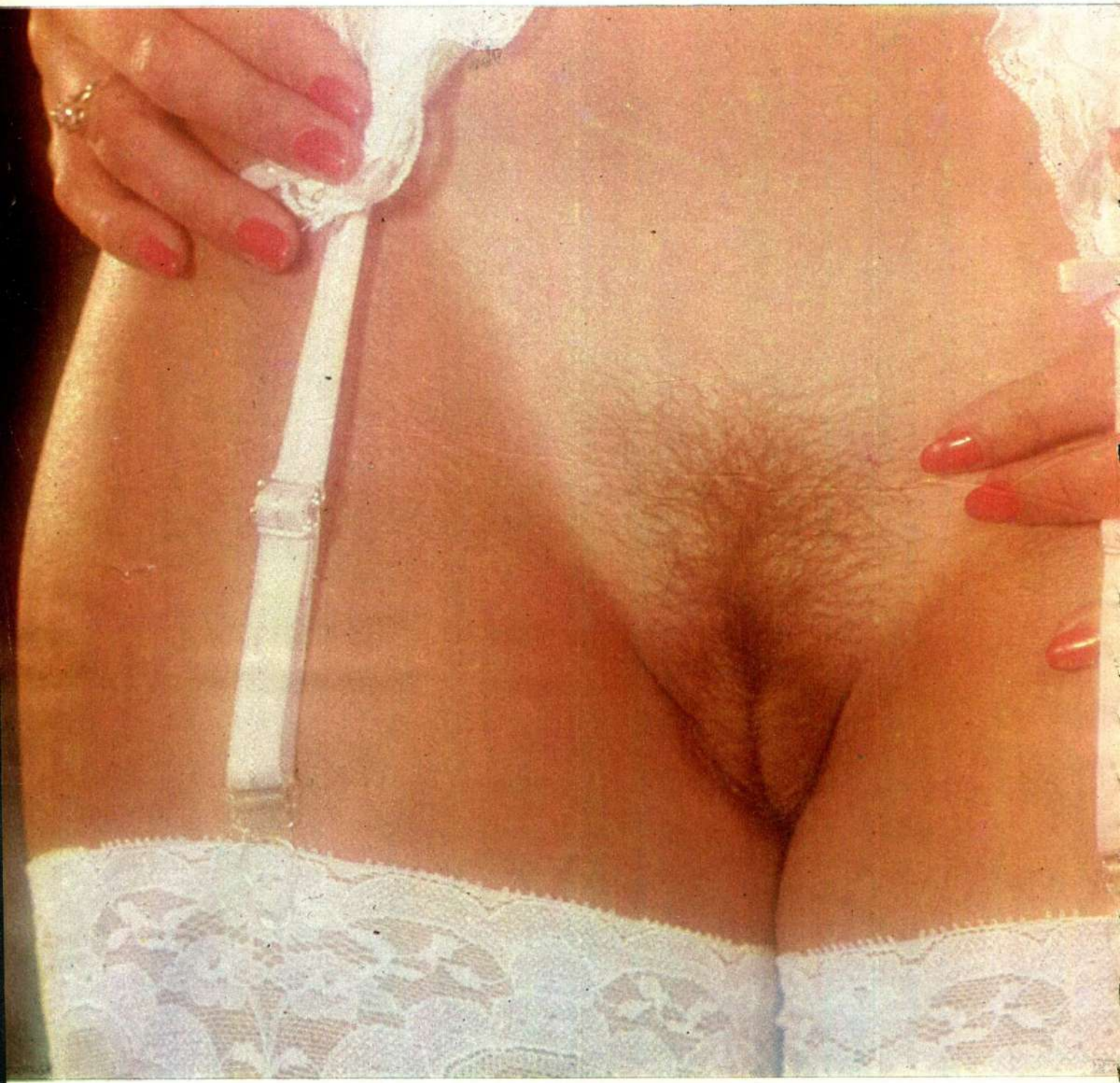
O nome escolhido pelos pais desta gata parece ter sido premonitório: Simone (da Signoret) Brigitte (da Bardot) quer vencer no cinema. Esta beleza de 21 anos sonha alto, e tem a avalizar seu sonho o estímulo de Bob Guccione, que a escolheu para Gata do Mês e capa de sua *Penthouse* e conhece muito bem a sétima arte. Afinal, ele foi o produtor de *Calígola*.

O Melhor da PENTHOUSE

SIMONE

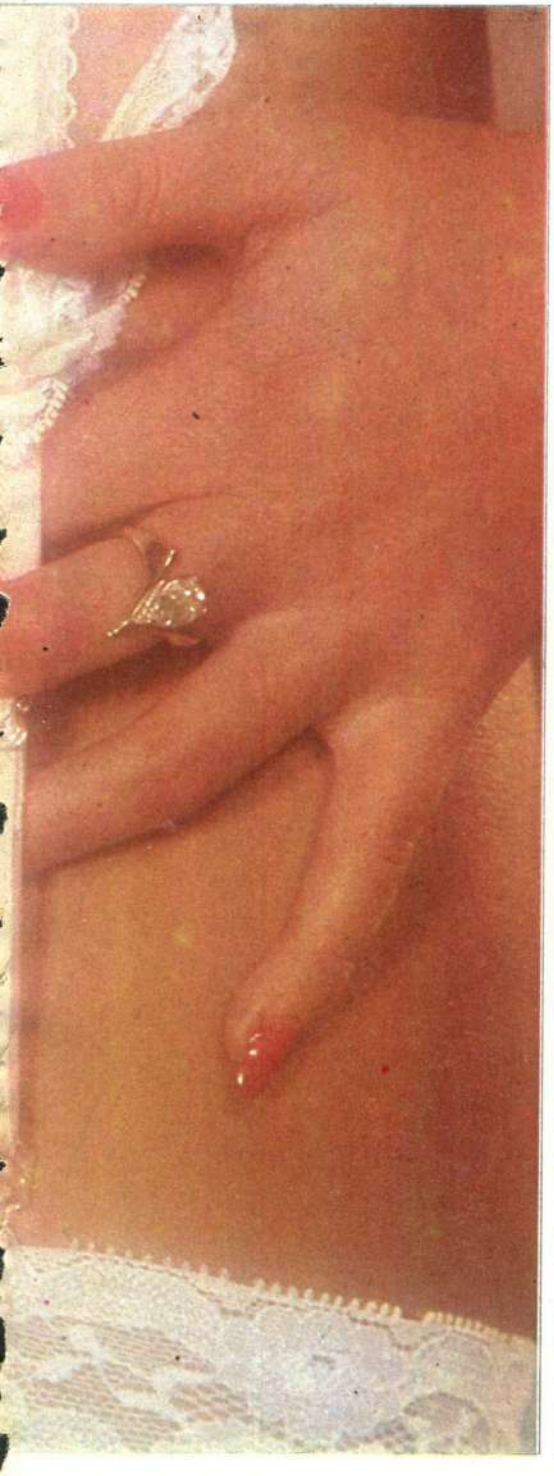
Jovem, rica, famosa — o perfil de Simone Brigitte é a meta de milhões de garotas na América e em todo o mundo. Ela vive em Dallas, uma cidade de milionários, e freqüenta os melhores lugares. Agora, internacionalmente conhecida graças a *Penthouse,* Simone parte para o estrelato.

SIMONE



SIMONE

"Fiquei emocionada quando tive a confirmação de que sairia na *Penthouse*", diz Simone Brigitte. "Apenas doze mulheres por ano são consideradas atraentes e desejáveis o bastante para serem apontadas como a Gata do Mês. Para mim, isto é mais que uma honra: é a realização de uma fantasia."



O Melhor da PENTHOUSE

"Fiquei emocionada quando tive a confirmação de que sairia na *Penthouse*", diz Simone Brigitte. "Apenas doze mulheres por ano são consideradas atraentes e desejáveis o bastante para serem apontadas como a Gata do Mês. Para mim, isto é mais que uma honra: é a realização de uma fantasia."

SIMONE

IMAGENS

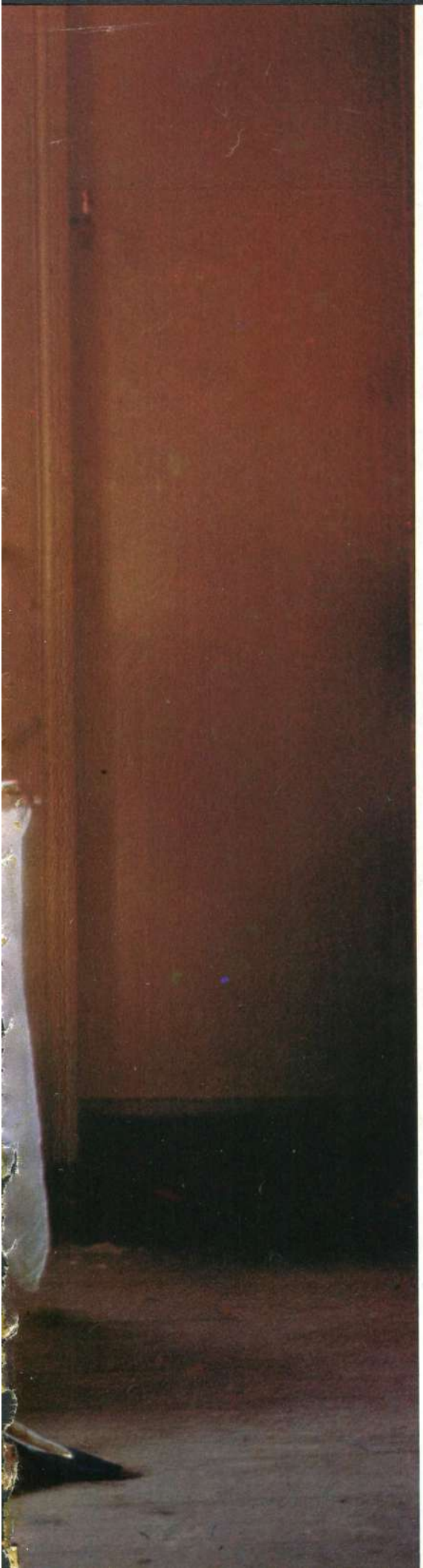
Fotos de PATRICK LICHFIELD

Invadir a intimidade feminina sem perturbá-la é a verdadeira arte da fotografia erótica. É indescritível a sensação de violar a privacidade da mulher nos momentos em que ela se julga protegida e distante dos olhares masculinos. É o *voyeur* que habita cada um de nós satisfazendo seu desejo mais genuíno.

IMAGENS

Fotos de PATRICK LICHFIELD

Invadir a intimidade feminina sem perturbá-la é a verdadeira arte da fotografia erótica. É indescritível a sensação de violar a privacidade da mulher nos momentos em que ela se julga protegida e distante dos olhares masculinos. É o *voyeur* que habita cada um de nós satisfazendo seu desejo mais genuíno.



Fotos assim são capazes de transcender a realidade, instigando o desejo ao fornecer imagens vivas ao mundo dos sonhos. Patrick Lichfield é um mestre na arte de transformar fotos de mulheres em verdadeiras pinturas. Suas criações com luzes e cores falam por si próprias.

Fotos assim são capazes de transcender a realidade, instigando o desejo ao fornecer imagens vivas ao mundo dos sonhos. Patrick Lichfield é um mestre na arte de transformar fotos de mulheres em verdadeiras pinturas. Suas criações com luzes e cores falam por si próprias.

Cada foto é uma imagem que conta uma história e desperta emoções. A sensibilidade e o talento deste fotógrafo inglês têm despertado nas mais lindas mulheres — modelos ou não — o desejo de se tornarem objetos de suas fantasias ou de terem seus sonhos e intimidades devassados por suas lentes.

ENSAIO

NO TOQUE DA MUSA O SOM SENSUAL

Que outro instrumento poderia embalar o clima sonoro de um encontro com Cláudia Marcela. E que som se imagina que saia do toque da musa. A fonte de inspiração se inverte e o corpo que inspira música se tensiona para executá-la. O resultado é calmo, melancólico, envolvente. A cena, por sua vez, é estonteante. Ai de nós, meros ouvintes, apreciadores da boa música.

Fotos de ALEXANDRE COSTA E SILVA

ENSAIO

NO TOQUE DA MUSA O SOM SENSUAL

Que outro instrumento poderia embalar o clima sonoro de um encontro com Cláudia Marcela. E que som se imagina que saia do toque da musa. A fonte de inspiração se inverte e o corpo que inspira música se tensiona para executá-la. O resultado é calmo, melancólico, envolvente. A cena, por sua vez, é estonteante. Ai de nós, meros ouvintes, apreciadores da boa música.

Fotos de ALEXANDRE COSTA E SILVA

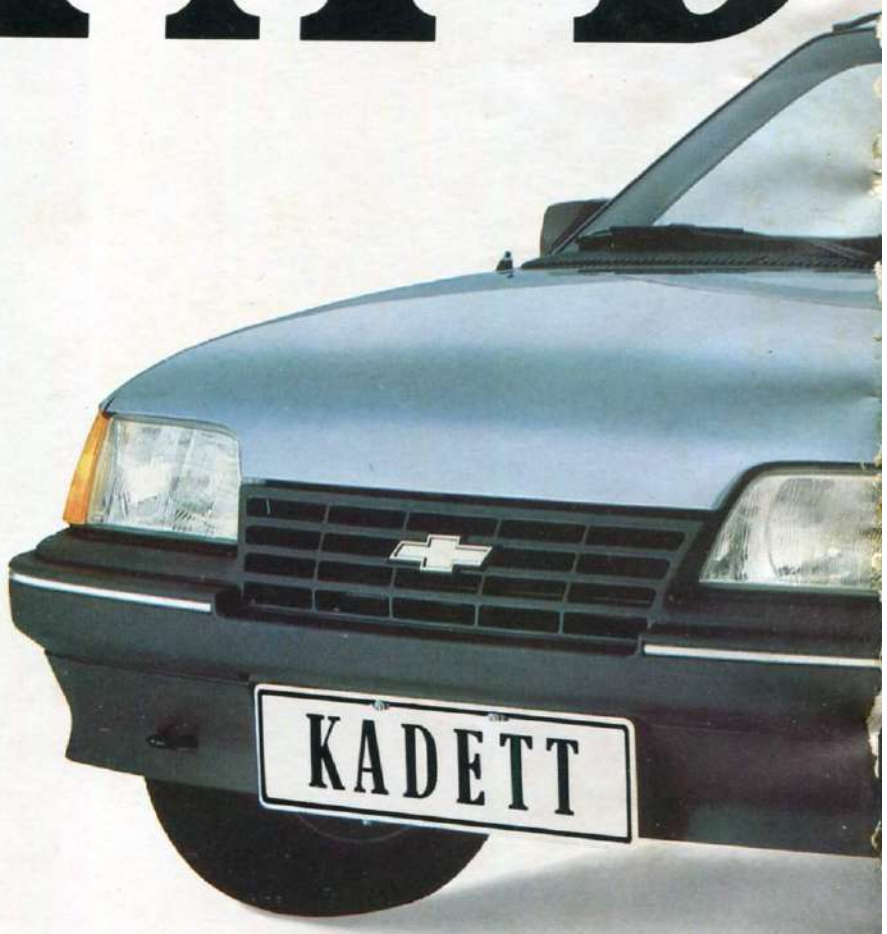
A musa e a inspiração seguem juntas seu passeio por nossa imaginação. Que corpo senão o dela, sinuoso como só ele, poderia se encaixar a cada curva de um dorso tão delicadamente quanto o de um violão? Sua filha, a guitarra, não fica para trás e arranca das mãos da moça todo o agudo que o solo lancinante de um *blues* pode chorar ao ser tocado pela majestade de uma nudez assim. Tudo é som.

A flauta transversa fala seus sons sussurrados, interessando aos passantes sobre quem a toca com tamanha graça. Mais tarde é o violino, o mestre sem cerimônia desta orquestra que comanda seus sonhos e olha o futuro. Por fim, o *cello*. Grave e solene, encerra a sinfonia de formas perfeitas nos ocultando da musa o segredo de sua inspiração.

Produção: Ana Luísa Veiga e Haydée Garcia
Maquilagem: Florinda Sampaio
Instrumentos: Casa Milton — Rio

KAD

A EMOÇÃO DA



Uma nova emoção começa a tomar forma nas ruas e estradas do país.
Chegou o Kadett. Um carro que reúne todos os itens de conforto, segurança e desempenho, com aerodinâmica e tecnologia jamais conseguidas por outro carro da sua categoria no Brasil. O Kadett é o primeiro automóvel dotado de suspensão traseira regulável a ar, permitindo um ajuste perfeito de acordo com a carga e estrada. Além disso, o Kadett possui um Sistema de Verificação de Funções (Check Control), que informa, na hora, tudo sobre o funcionamento do carro, desde nível de óleo do motor até a água do limpador de pára-brisa. O Kadett tem a tecnologia da nova década. Computador de Bordo com 7 funções: autonomia, consumo instantâneo, consumo médio, temperatura externa, velocidade média do percurso, relógio e cronômetro

que permitem ao motorista um dirigir seguro e tranqüilo. O Kadett também possui coluna de direção regulável em 5 posições, facilitando muito a vida de quem dirige. E, como se não bastasse, ele tem a

GM

E T T

NOVA DÉCADA

McCANN

mais perfeita aerodinâmica, com o menor coeficiente de resistência ao ar (0,32) já conseguido no país, proporcionando maior desempenho, economia e segurança. Vá conhecer o Kadett no seu Concessionário Chevrolet. Você não estará entrando apenas em um novo carro. Você estará entrando em uma nova década.

O Kadett está em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores.

Preserve a vida.
Use o cinto de segurança.

Chevrolet
A sua melhor marca

KADETT

A EMOÇÃO DA NOVA DÉCADA

Uma nova emoção começa a tomar forma nas ruas e estradas do país.
Chegou o Kadett. Um carro que reúne todos os itens de conforto, segurança e desempenho, com aerodinâmica e tecnologia jamais conseguidas por outro carro da sua categoria no Brasil. O Kadett é o primeiro automóvel dotado de suspensão traseira regulável a ar, permitindo um ajuste perfeito de acordo com a carga e estrada. Além disso, o Kadett possui um Sistema de Verificação de Funções (Check Control), que informa, na hora, tudo sobre o funcionamento do carro, desde nível de óleo do motor até a água do limpador de pára-brisa. O Kadett tem a tecnologia da nova década. Computador de Bordo com 7 funções: autonomia, consumo instantâneo, consumo médio, temperatura externa, velocidade média do percurso, relógio e cronômetro

que permitem ao motorista um dirigir seguro e tranqüilo. O Kadett também possui coluna de direção regulável em 5 posições, facilitando muito a vida de quem dirige. E, como se não bastasse, ele tem a

mais perfeita aerodinâmica, com o menor coeficiente de resistência ao ar (0,32) já conseguido no país, proporcionando maior desempenho, economia e segurança. Vá conhecer o Kadett no seu Concessionário Chevrolet. Você não estará entrando apenas em um novo carro. Você estará entrando em uma nova década.

O Kadett está em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores. Preserve a vida. Use o cinto de segurança.

Chevrolet
A sua melhor marca

PANORAMA

COMPORTAMENTO

JAQUETA ANO 60

Roupas em couro Pierre Cardin

De um lado da praça, nosso personagem desce de sua Harley Davidson de reluzentes metais, acena para uma loura, que permanece em sua garupa, e ajeita seu cabelo empastado. Depois, sacando e abrindo um canivete automático, caminha em direção a outro jovem, que também acaba de desmontar de sua moto. Sal Mineo, James Dean, Marlon Brando e, mais recentemente, Mickey Rourke. Vários atores se celebrizaram em filmes com ações deste tipo. Dificilmente, alguém que curta cinema terá dificuldades para visualizar esta cena. O que é praticamente impossível é imaginá-la sem que os protagonistas estejam vestindo jaquetas de couro negro. Na verdade, as *black leather jackets* já haviam surgido nos fins dos anos 20 — estão fazendo 60 anos agora — e continuaram fazendo parte da vida de milhares de outros revoltados e conformados do mundo.

Estamos em 1928. Um típico imigrante judeu russo vê sua rudimentar fabriqueta de artigos de couro, no East Greenwich Village, Nova Iorque, ser invadida por um estranho grupo de jovens. Ao invés das pancadas que temia, Irwing Schott recebeu uma encomenda. A *gang* queria que ele criasse e executasse um modelo de casaco exclusivo, com desenho agressivo e em couro negro. Semanas depois, estes antecessores dos Hell's Angels desfilavam pelas ruas com jaquetas de bolsos e punhos com *zipers* e apliques em metal. O sucesso foi tão grande que, pouco depois, o clã dos Schott e sua fábrica *Perfecto* se viram obrigados a mudar para New Jersey para ampliar os negócios. Hoje, ainda sob o comando do patriarca, com 98 anos, eles produzem 250.000 peças por ano, faturando 30 milhões de dólares.

Quando, no final dos 40, foi combinada com a revolucionária calça de brim azul tornou-se um *hit* imbatível. Poucos rebeldes renderam tanto dinheiro para os cofres de Hollywood quanto o trio Brando, Dean & Mineo. Toda esta rebeldia — assim como as *Black Leather Jackets* — foi devidamente digerida e reciclada pela mídia nos filmes de Elvis — expelvis — Presley. Mas quem achou que com isso *les blousons noirs* — como eram chamados os *transviados* na França e Bélgica — estavam definitivamente domesticados, estava errado. Enquanto o adocicado pai-do-rock pendurava sua jaqueta para vestir uniformes e, quem diria, acabar — anos depois — em Las Vegas, Roy Obirson atravessava o seu país com a guitarra e a namorada, os Beatles cantavam *Besame Mucho* em Hamburgo e Bob Dylan procurava respostas no vento. Todos eles vestidos na mesma pele de couro.

Da virada dos 60 para os 70 até hoje, as jaquetas negras entraram em festas das mais diversas camadas sociais, foram furadas por pregos e alfinetes *punks* e usadas nas mais diversas combinações de vestuário possíveis. Basta dizer que elas podem ser citadas como a única coisa que Jonny Rotten, a Princesa Stephanie, Silvester Stallone e um borracheiro do Texas têm em comum.

Henrique Koifman

CINEMA-I

ISADORA RIBEIRO NAS TELAS

Ivan Cardoso, cineasta inventor do gênero *terrir* — terror com humor —, está de volta com o *Escorpião Escarlate*, na mesma linha dos bem-sucedidos *Segredo da Múmia* e *As Sete Vampiras*. "Não entendo os meus colegas. Produzir um filme que faça sucesso dá o mesmo trabalho de fazer um grande fracasso." A trama desta vez ressuscita o personagem Anjo, da história em quadrinhos e da Rádio Nacional, e tem todos aqueles ingredientes que Ivan sabe misturar como poucos para duas horas de muito prazer e gargalhadas no cinema: humor, citações e, principalmente, belas mulheres, sempre generosamente nuas. A grande atração desta vez é a estonteante Isadora Ribeiro, ao lado de Monique Evans, Suzana Mattos, Josi Campos e Roberta Close.

Isadora Ribeiro e Mário Gomes

UNO 1.5 R.

UM CARRO PARA QUEM NÃO TEM MEDO DE AVIÃO.

SE VOCÊ É UM APAIXONADO POR VELOCIDADE, NÃO FIQUE SÓ OLHANDO. ENTRE NA FÓRMULA UNO. VOCÊ VAI DESCOBRIR NOVIDADES REALMENTE EMOCIONANTES: MOTOR DE 86 CV E O DESEMPENHO QUE SÓ UMA PERFEITA RELAÇÃO PESO/POTÊNCIA PODE DAR. SUSPENSÃO DIANTEIRA E TRASEIRA COM AMORTECEDORES PRESSURIZADOS QUE GARANTEM CONFORTO, ESTABILIDADE E SEGURANÇA COMO VOCÊ NUNCA SENTIU. RODAS EM LIGA LEVE, PNEUS RADIAIS ESPECIAIS E EXCLUSIVOS. DETALHES NO ACABAMENTO EXTERNO QUE REALÇAM O SEU ESTILO ARROJADO E ESPORTIVO. ACABAMENTO INTERNO AINDA MAIS LUXUOSO E SOFISTICADO. VENHA DIRIGIR O UNO 1.5 R SEM MEDO. ELE VOA, MAS VOA BAIXO.

FIAT **Uno 1.5 R**

MUDANDO PARA VOCÊ MUDAR.

USE CINTO DE SEGURANÇA

"ESTE VEÍCULO ESTÁ EM CONFORMIDADE COM O PROGRAMA DE CONTROLE DA POLUIÇÃO DO AR POR VEÍCULOS AUTOMOTORES — **PROCONVE** — E ATENDE OS PADRÕES ESTABELECIDOS".

FENOMENOLOGIA TROPICAL

AMAZÔNIA — III

Foto Carlos Humberto T.D.C.

Com a morte de Chico Mendes a questão amazônica explodiu e atraiu as atenções de Sting e da mídia européia e americana.

Foi num rápido instante que os noticiários dos jornais, televisões e rádios da Europa e dos EUA começaram a registrar notícias ecológicas como sendo a mais importante das matérias e assuntos. Digo num rápido instante, porque foi exatamente isto: num dado momento, tudo aquilo que os verdes apregoavam e pregavam foi absorvido pela *mídia* mundial do chamado mundo livre como sendo de suprema importância e de relevância até maior do que os outros problemas.

E foi neste momento que apareceu o herói mundial Chico Mendes. Foi no instante de descoberta do Amazonas e da morte do mártir Chico Mendes que toda esta atmosfera de informações e noticiários sobre a ecologia eclodiu em tom mundial.

O Amazonas é hoje um arquétipo internacional, equacionado junto aos outros novos arquétipos das viagens espaciais e do futurismo científico da nova tecnologia do século XXI. Quero dizer: que o Amazonas vai hoje em dia para além de si mesmo, transcende-se para muitos outros significados. Desde significados que revelam seus enormes tesouros, até significados de dominação estrangeira, significados ainda não significados, porque é tão novo e antigo o Amazonas, é tão vasto e oculto, é tão selva e novidade que encerra em seu bojo todos os mistérios.

É como se o Amazonas fosse um enorme inconsciente verde e úmido e quente e chuvoso do Brasil, país-continente. Há alguns meses, a CIA aliou-se à KGB num programa especial de colaboração permanente, incluindo a prática de troca de arquivos para em primeiro lugar combater o terrorismo internacional, e em segundo para combater o narcotráfico. Em seguida, alguns meses depois, os dois departamentos ecológicos dos EUA e da URSS aliaram-se de maneira similar. Antes disso, sempre pairou no ar a suspeita (certeza?) de que após a II Guerra Mundial as duas únicas superpotências-nucleares-estelares dominam e manipulam, a seu bel-prazer, todos os outros países do planeta!

É também o novo *momentum* da grande comunicação mundial e da interferência do *rock* mundial a serviço da proteção do planeta? Ou serão Sting e seus amigos da mídia européia e americana agentes da CIA-KGB? Idealistas, ingênuos, ignorantes de sua verdadeira missão? Ou mesmo conscientes? E tudo isto é bom ou ruim?

Todas estas perguntas inquietantes e fascinantes estarão conosco por muito tempo. O que não se deve duvidar é da suprema importância de nos preocuparmos com a Amazônia e impedir as queimadas, os incêndios devastadores, assassinos da nossa fauna e flora mais profunda. Mesmo porque o verde é a cor da nossa bandeira, da nossa Amazônia e do Partido Verde!

É inevitável a interdependência dos países e de todas as coisas e fenômenos que acontecem no mundo atual. Assim sendo, é indesligável e inseparável a contradição que abriga a nossa dívida externa com a contradição amazônica atual. Por cada tonelada de cassiterita, ouro, prata, esmeralda, não recolhidos pelo Brasil, que as superpotências nucleares-estelares unidas e seus países aliados desenvolvidos nos paguem o equivalente de acordo com a cotação no mercado mundial das ditas mercadorias e riquezas em dólares para a saída do nosso subdesenvolvimento, da nossa situação tão economicamente precária, segundo alguns, à beira do abismo!

Quanto à preocupação em relação à soberania nacional, penso que sobre isso nada há que se temer. Temos o Exército e o povo brasileiro, unidos nesta questão, como se fossem um só homem. Todo brasileiro é romântico e superpatriota! Jamais existirá esta possibilidade de *interferência* fiscalizadora de agentes estrangeiros em nosso território! Mesmo porque, lá dos seus satélites espaciais as duas superpotências nucleares-estelares têm muito mais condição de saber o que se passa no coração da selva do que nós mesmos, os seus habitantes. Penso que a questão amazônica será resolvida, assim como muitas outras, apenas depois das eleições presidenciais diretas e a posse do candidato eleito. Aí sim, haverá um líder nacional com o apoio efetivo e moral dos seus eleitores e de todos os brasileiros e brasileiras, para entabular negociações de igual para igual (na medida do possível) com os países do primeiro mundo e as duas superpotências sobre a questão amazônica, dívida externa escorchante, desenvolvimento nacional e felicidade geral!

Em suma: as eleições presidenciais é que possibilitarão a efetiva e profunda atualização de todas as políticas brasileiras e suas relações internacionais atuais! Nisto, o Amazonas terá grande importância.

Jorge Mautner

Olympikus Light

DCS

DO JEITO QUE AS COISAS ANDAM, VOCÊ TEM QUE PISAR LEVE.

OLYMPIKUS®

TECNOLOGIA E DESIGN

CINEMA - II

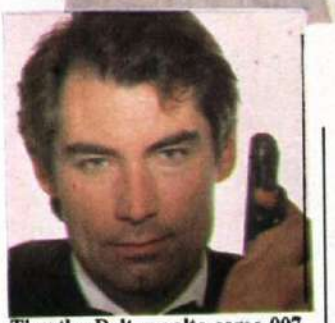
HERÓIS DOS QUADRINHOS INVADEM AS TELAS

Há muito tempo não se via, tanto entre os fãs de histórias em quadrinhos quanto no meio cinematográfico, um agito tão grande quanto o provocado pela produção do novo filme do Batman, cujo *trailer* já está sendo exibido nos cinemas norte-americanos e vendido no mercado pirata de vídeo a 25 dólares a unidade. A especulação é tamanha que já ocupou nos últimos seis meses desde edições quase inteiras de revistas especializadas até artigos no *Financial Time* e no *Wall Street Journal*, respeitáveis veículos da comunidade financeira internacional. Os batmaníacos, que já compararam a escolha do ator Michael Keaton para o papel principal como convidar o comediante negro Richard Pryor para representar o deus nórdico Thor, aguardam a estréia, marcada para junho nos EUA, com incontida ansiedade.

Graças a uma cláusula contratual que impede os envolvidos na produção de revelar qualquer detalhe, muito pouco se sabe sobre o que aparecerá nas telas. Pinçando aqui e ali é possível juntar algumas informações, como o orçamento — a estúpida quantia de 50 milhões de dólares — torrado, em parte, na construção do maior cenário já visto nos estúdios londrinos de Pinewood — que reproduz cinco quarteirões de uma Gotham City tenebrosa e gótica — ou alguns trechos do roteiro, mais baseado em *A Piada Mortal*, álbum escrito por Alan Moore (publicado no Brasil), do que no *Cavaleiro das Trevas* de Frank Miller, que inclui um combate final entre o soturno herói e o arquivilão Coringa (Jack Nicholson) no alto das torres da catedral de Gotham (mais gótico impossível). Sabe-se que o criador do Batman, o desenhista Bob Kane, aparece numa cena, *à la* Hitchcock, como um cartunista, além de ter desenhado os mais de vinte uniformes diferentes usados pelo Homem-Morcego durante o filme. Como os cenários não foram desmontados, espera-se para breve o início das filmagens de *Batman II*, com Danny DeVitto *(Irmãos Gêmeos)* como Pingüim. Enfrentando em sua estréia a concorrência peso-pesado de filmes como *A Terceira Cruzada* (continuação das aventuras de *Indiana Jones*, assinada por Spielberg) e *Licença para Matar* (a nova aventura do 007 de Timothy Dalton), todos entrando em cartaz na verdadeira mina de ouro que é o verão norte-americano. O *Batman* do diretor Tim Burton *(Beetlejuice)* pode ser o primeiro de uma enxurrada de filmes que trazem às telas os heróis dos quadrinhos.

Com menos da metade do *budger* de *Batman*, ou seja, 20 milhões de dólares, o come-quieto Warren Beatty será o diretor-produtor-ator principal de *Dick Tracy*, com produção bancada pelos estúdios Touchstone (grupo Disney), e tendo a deliciosa Madonna como *co-star*. O fortão Dolph Lundgreen (o He-Man) tingiu o cabelo de preto para ser *O Justiceiro*, truculento personagem da Marvel Comics, num filme assinado por Mark Goldblatt (o mesmo de *Rambo II*). E o excelente John McTiernam, que dirigiu *O Predador* e *Duro de Matar*, já está montando a versão filmada de *Sargento Rock*. No papel-título, Arnold Schwazenegger.

Michael Keaton não convence como Batman.



Timothy Dalton volta como 007 em *Licença para Matar*.

O pós-galã francês Louis Jordan é o principal nome no elenco de *O Monstro do Pântano*, dirigido por um tal Jim Wynorski; Brooke Shields já está definida para o papel principal em *Brenda Starr, Reporter*, uma aventureira da década de ouro dos quadrinhos em busca de um diretor que a leve para as telas. O comediante Jim Belushi faz um Fred Flintstone hilário em *Flintstones The Movie*, sucesso que já encomendou o roteiro para *The Jetsons*, enquanto Joe Dante *(Gremlins)* se prepara para dirigir *O Homem Elástico* e Bob Zemeckis *(Uma Cilada para Roger Rabbit)* declara que está doido para rodar sua versão do *Sombra*. O *cult* Jim McBride, autor de *A Força do Amor* e *O Ajuste de Contas*, tem o roteiro pronto para filmar *Elektra, Assassin*, assim como Sam Hamm, que assina o roteiro de *Batman*, já tem a versão filmada de *Watchmen* toda escrita cogitando para o elenco nomes como Schwazenegger *(Dr. Manhattan)*. De Niro *(Nite Owl)* e Jessica Lange *(Sally Júpiter)*.

Os incautos podem imaginar que tudo isso seria apenas uma bem-vinda volta da interface entre os quadrinhos e o cinema, que nas décadas de 30/40 rendeu alguns seriados clássicos; na verdade, o fato de que praticamente todos os personagens da Marvel/DC já têm roteiros cinematográficos prontos na gaveta se deve a essas duas empresas pertencerem à New World Pictures, que por sua vez está ligada à Warner, que recentemente se juntou ao grupo Time para formar um mega-conglomerado com ramificações em todos os setores da indústria da comunicação. Como dizem, *money makes the world around...*

Luiz Alberto Noronha

Foto J. Anderson — Sygma

GIANNI AGNELLI
O IMPERADOR DA ITÁLIA

Por IVY FERNANDES (Roma) e SÉRGIO COSTA (Turim)

Veja este elegante senhor aqui ao lado e pense em algum produto italiano. Se não for dele, tem sua participação ou de alguma de suas empresas associadas. Aos 68 anos, Gianni Agnelli, o todo-poderoso presidente da Fiat, é o mais importante empresário da Europa. De Turim, ele comanda 600 empresas de 14 setores e domina a quarta parte do mercado financeiro italiano.

ELE é mais do que um superpoderoso patrão e empresário na Itália. É um verdadeiro tabu. Dele não se fala sem respeito ou reverência. Afinal, trata-se do único rei verdadeiro da Itália depois que a monarquia caiu em desuso por aqui através de um plebiscito realizado em 1946. Seu nome é sinônimo de poder e da Fiat, isto é, sinônimo da prosperidade industrial italiana. Para se ter uma idéia de seu prestígio, Giovanni Agnelli e um punhado de políticos italianos visitavam a Fiat soviética em Togliattigrad, quando o então Primeiro-Ministro Nikita Kruschev puxou-o pelo braço e disse: "Venha, prefiro falar com você, que está sempre no poder, e não com políticos que mudam constantemente."

No final do ano passado, num livro lançado na Inglaterra — *Agnelli and the Network of Italian Power* — o correspondente do *Financial Times* na Itália, Alan Friedman, afirma que o prestígio e o poder do advogado Gianni Agnelli, 68 anos, em seu país, são baseados num sistema arcaico e feudal, que só poderia vingar num país com uma economia igualmente arcaica e feudal. A tese gerou polêmicas apaixonadas à direita e à esquerda, em cima e embaixo, numa Itália cada dia mais rica, desenvolvida e poderosa. Já a Inglaterra... sistema por sistema, hoje em dia não vale a comparação. A partir de 1992 as duas potências navegarão no mesmo barco. A diferença está em que a mulher mais rica da Inglaterra é sua rainha, e o *rei da Itália* é um empresário que simboliza o capitalismo italiano — o seu sucesso.

Não se nega o autoritarismo de Agnelli, uma das heranças do avô que o criou, o *Senatore* Giovanni Agnelli. Estamos louvando a competência e habilidade do *Avvocato* Agnelli à frente de um império chamado IFI (Instituto Financeiro Italiano), que conta cerca de 600 empresas, filiadas ou associadas, reunidas em 14 setores com 279 mil empregados e mais de dez mil produtos. A mais conhecida delas talvez seja a Fiat, o xodó do empresário e que já engoliu em seu país a Lancia, a Alfa Romeo e a Ferrari, mas não se pode deixar de citar a Cinzano, a Alitalia ou o poderoso time da Juventus. No ramo da comunicação, Agnelli é dono do *La Stampa*, em Turim, do *Corriere della Sera* e da *Gazetta dello Sport*, em Milão. Nada menos do que 23,9% da imprensa italiana.

Kruschev tinha ou não razão? O grupo Agnelli tem ainda 11% do mercado italiano de cervejas, 18% do de água mineral, auto-estradas, hotéis, fábricas de locomotivas, caminhões, *bulldozers*, mísseis, reatores nucleares, editoras, cadeia de lojas de departamento (La Rinascente), a quarta parte do mercado financeiro italiano e 22,8% do mercado acionário. O soviético acertou na mosca quem manda na Itália. Assim, podemos pensar numa questão interessante, ainda que hipotética: e se de repente o governo resolvesse nacionalizar tudo, estatizar?

Agnelli responde: "O estado se tornaria meu patrão. Mas um patrão que não exige que uma empresa dê lucros é um péssimo patrão. Hoje, meu patrão são mais de 100 mil acionistas. Não digo que estes exijam dividendos, mas, pelo menos, pretendem ganhá-los. Então, se eu não os der, eles se queixarão e terão motivos para decidir, no caso, investir seu dinheiro em outras ações que não as da Fiat. Se em vez dos acionistas se tratasse do estado, isto é, de todos, o raciocínio não deveria ser diferente."

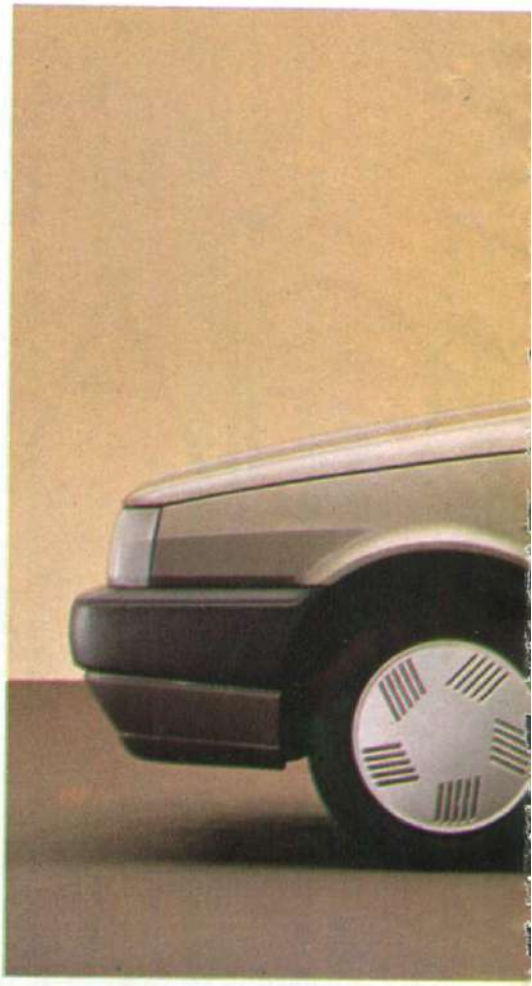
Mas os acionistas de suas empresas estão mais do que satisfeitos. Depois de um período de vacas magras na década de 70, quando a instabilidade política e econômica da Itália fez com que a Fiat andasse meio capenga. Foi o tempo das greves, das lutas sindicais, do terrorismo, das Brigadas Vermelhas, do assassinato de Aldo Moro e da crise do petróleo. Agnelli teve de reduzir seu número de operários, demitir empregados. Nessa época, seu irmão Umberto, então Administrador-Delegado da Fiat, se afastou da empresa. Parecia o começo do fim. Não foi. A partir de 83, a situação começou a melhorar, e logo em seguida toda a Itália, no geral, e a Fiat, em particular, passaram a viver um verdadeiro milagre econômico.

O IFI é hoje o maior grupo privado da Itália e um dos maiores da Europa. "Nos últimos três anos, o grupo Fiat cresceu muito. No ano passado, alcançou um lucro de 33 milhões de dólares. Para o início dos anos 90, ele deverá estar perto dos 40 milhões de dólares", presta contas — modestamente, digamos — Agnelli.

A *ressurreição* da Fiat ocorreu paralelamente a sua renovação. Novos modelos de automóveis foram criados, a fábrica passou a oferecer uma grande variedade de opções a gasolina e a diesel. Altas tecnologias foram aplicadas na fabricação dos automóveis. O resultado veio movido ao turbo. O Fiat Uno foi eleito o Carro do Ano da Europa em 84 e o Fiat Tipo o de 88, confirmando o *status* da marca como principal competidora dos fabricantes alemães, ingleses e franceses. Em um ano o Tipo vendeu 270 mil unidades. Só em fevereiro deste ano, a Fiat botou nas ruas mais 208 mil carros em 28 dias. Some-se a eles o resultado de janeiro e teremos 437 mil veículos. Sessenta por cento dos carros italianos hoje são Fiats.

Outro fator importante nesta recuperação foi a compra da Alfa Romeo, batendo a oferta da Ford. A fábrica americana sonhava possuir a marca italiana mais famosa em seu país. O próprio Henry Ford um dia declarou: "Quando passa uma Alfa, tiro o chapéu." Se vivo fosse, Ford teria que tirá-lo, agora, para a Fiat. Aliás, não era a primeira vez que Agnelli incorporava a seu já bem nutrido patrimônio um sonho da Ford. Alguns anos antes os americanos haviam tentado comprar a Ferrari (ver número anterior de ELE ELA) e adivinhem com quem o velho Comendador Enzo fez negócio?

Mas a Fiat ainda vai mais longe nesta



Dos tempos heróicos do Topolino (à esquerda) e do popular Fiat *Pulga* (modelo 500 D) ao moderníssimo DGT 1400, a Fiat evoluiu não apenas no *design* de seus automóveis como na utilização da mais alta tecnologia em seus modelos.

ele ela no Rastro do sucesso

empreitada da Alfa. Ano que vem, em associação com a Chrysler, vai lançar a Alfa na América e alguns de seus modelos mais significativos: o Spider, conversível esportivo de dois lugares, a luxuosa Alfa 75 e o Fiat 164, o carro mais sofisticado da linha. Todos terão o selo da Alfa Romeo Distributors of North America, formada pela Chrysler-Fiat, garantindo assim uma manutenção perfeita em todo o território americano, o que até então era um grave problema para os donos ianques dos *oriundi* Alfas e Fiats. Um alto vôo para a empresa de Agnelli antes de sua aposentadoria, como pretende daqui a oito anos quando completar 75 anos.

Voar ele começou quando estava com 24 para 25 anos e seu avô morreu. O velho *Senatore* Giovanni Agnelli, fundador em 1899 da Fábrica Italiana Automobili Torino, deixava nas mãos do neto a tremenda tarefa de dirigir a Fiat dali em diante. Detalhe: corria o ano de 1945 e a Itália e a Europa saíam estraçalhadas da Grande Guerra Mundial.

Mas as durezas começaram bem antes. Aos 14 anos, Giovanni perdeu seu pai Edoardo decapitado por uma hélice de avião. Sua mãe Virginia, viúva recente, começou um romance com o escritor Carzio Malaparte, o que enfureceu o velho *Senatore*. Ele entrou na Justiça e assumiu o pátrio-poder dos sete filhos de Edoardo, obrigando a nora a deixar a casa e condenando-a a só ver as crianças por 48 horas de 15 em 15 dias.

Clara, Giovanni, Suzanna, Maria Sole, Cristiana, Giorgio e Umberto estavam acostumados à severa criação de uma governanta inglesa, Miss Parker, que repetia incansavelmente aos guris: "Don't forget you are an Agnelli." Portanto, não estranharam quando o senador, homem de forte personalidade e caráter, assumiu a responsabilidade por sua educação, com o auxílio de professores e governantas. O clã dos Agnelli cresceu sob rigorosa disciplina militar. Todos obedeciam sem discutir as ordens do avô. Giovanni, o queridinho da mamãe, era o mais rebelde e levado. Talvez por isso mesmo, tornou-se o favorito do avô.

Isso ficou claro quando, ao completar 18 anos, ganhou de presente do senador sua primeira grande viagem. Um cruzeiro a bordo do transatlântico Rex rumo aos Estados Unidos, em companhia do primo Giovanni Nasi. Os dois jovens partem com toda a disposição que dois rapazes ricos e de bem com a vida têm para uma aventura assim. Na bagagem, apenas uma recomendação — ou melhor, uma missão a serviço do *senatore:* visitar a Ford em Detroit e trazer informações. Naquela época, a América, de Franklin Delano Roosevelt, via circular por suas ruas e estradas mais de 30 milhões de automóveis. A Itália contava menos de 300 mil, contra dois milhões da França e outros tantos da Inglaterra. No futuro teria que ser como eles. Ou melhor.

De volta à Itália, Giovanni teve que prestar serviço militar como oficial da cavalaria. Poderia ter se servido do prestígio e da força da família para facilmente escapar de combater na II Grande Guerra. Mas em nome da *solidariedade de gerações* seguiu para o *front* soviético. A experiência, claro, foi marcante. Até hoje ele declara: "A melhor educação possível é a oferecida pela escola militar."

Agnelli responde: "O estado se tornaria meu patrão. Mas um patrão que não exige que uma empresa dê lucros é um péssimo patrão. Hoje, meu patrão são mais de 100 mil acionistas. Não digo que estes exijam dividendos, mas, pelo menos, pretendem ganhá-los. Então, se eu não os der, eles se queixarão e terão motivos para decidir, no caso, investir seu dinheiro em outras ações que não as da Fiat. Se em vez dos acionistas se tratasse do estado, isto é, de todos, o raciocínio não deveria ser diferente."

Mas os acionistas de suas empresas estão mais do que satisfeitos. Depois de um período de vacas magras na década de 70, quando a instabilidade política e econômica da Itália fez com que a Fiat andasse meio capenga. Foi o tempo das greves, das lutas sindicais, do terrorismo, das Brigadas Vermelhas, do assassinato de Aldo Moro e da crise do petróleo. Agnelli teve de reduzir seu número de operários, demitir empregados. Nessa época, seu irmão Umberto, então Administrador-Delegado da Fiat, se afastou da empresa. Parecia o começo do fim. Não foi. A partir de 83, a situação começou a melhorar, e logo em seguida toda a Itália, no geral, e a Fiat, em particular, passaram a viver um verdadeiro milagre econômico.

O IFI é hoje o maior grupo privado da Itália e um dos maiores da Europa. "Nos últimos três anos, o grupo Fiat cresceu muito. No ano passado, alcançou um lucro de 33 milhões de dólares. Para o início dos anos 90, ele deverá estar perto dos 40 milhões de dólares", presta contas — modestamente, digamos — Agnelli.

A *ressurreição* da Fiat ocorreu paralelamente a sua renovação. Novos modelos de automóveis foram criados, a fábrica passou a oferecer uma grande variedade de opções a gasolina e a diesel. Altas tecnologias foram aplicadas na fabricação dos automóveis. O resultado veio movido ao turbo. O Fiat Uno foi eleito o Carro do Ano da Europa em 84 e o Fiat Tipo o de 88, confirmando o *status* da marca como principal competidora dos fabricantes alemães, ingleses e franceses. Em um ano o Tipo vendeu 270 mil unidades. Só em fevereiro deste ano, a Fiat botou nas ruas mais 208 mil carros em 28 dias. Some-se a eles o resultado de janeiro e teremos 437 mil veículos. Sessenta por cento dos carros italianos hoje são Fiats.

Outro fator importante nesta recuperação foi a compra da Alfa Romeo, batendo a oferta da Ford. A fábrica americana sonhava possuir a marca italiana mais famosa em seu país. O próprio Henry Ford um dia declarou: "Quando passa uma Alfa, tiro o chapéu." Se vivo fosse, Ford teria que tirá-lo, agora, para a Fiat. Aliás, não era a primeira vez que Agnelli incorporava a seu já bem nutrido patrimônio um sonho da Ford. Alguns anos antes os americanos haviam tentado comprar a Ferrari (ver número anterior de ELE ELA) e adivinhem com quem o velho Comendador Enzo fez negócio?

Mas a Fiat ainda vai mais longe nesta

Dos tempos heróicos do Topolino (à esquerda) e do popular Fiat *Pulga* (modelo 500 D) ao modernissimo DGT 1400, a Fiat evoluiu não apenas no *design* de seus automóveis como na utilização da mais alta tecnologia em seus modelos.

ele ela no Rastro do sucesso

empreitada da Alfa. Ano que vem, em associação com a Chrysler, vai lançar a Alfa na América e alguns de seus modelos mais significativos: o Spider, conversível esportivo de dois lugares, a luxuosa Alfa 75 e o Fiat 164, o carro mais sofisticado da linha. Todos terão o selo da Alfa Romeo Distributors of North America, formada pela Chrysler-Fiat, garantindo assim uma manutenção perfeita em todo o território americano, o que até então era um grave problema para os donos ianques dos *oriundi* Alfas e Fiats. Um alto vôo para a empresa de Agnelli antes de sua aposentadoria, como pretende daqui a oito anos quando completar 75 anos.

Voar ele começou quando estava com 24 para 25 anos e seu avô morreu. O velho *Senatore* Giovanni Agnelli, fundador em 1899 da Fábrica Italiana Automobili Torino, deixava nas mãos do neto a tremenda tarefa de dirigir a Fiat dali em diante. Detalhe: corria o ano de 1945 e a Itália e a Europa saíam estraçalhadas da Grande Guerra Mundial.

Mas as durezas começaram bem antes. Aos 14 anos, Giovanni perdeu seu pai Edoardo decapitado por uma hélice de avião. Sua mãe Virginia, viúva recente, começou um romance com o escritor Carzio Malaparte, o que enfureceu o velho *Senatore*. Ele entrou na Justiça e assumiu o pátrio-poder dos sete filhos de Edoardo, obrigando a nora a deixar a casa e condenando-a a só ver as crianças por 48 horas de 15 em 15 dias.

Clara, Giovanni, Suzanna, Maria Sole, Cristiana, Giorgio e Umberto estavam acostumados à severa criação de uma governanta inglesa, Miss Parker, que repetia incansavelmente aos guris: "Don't forget you are an Agnelli." Portanto, não estranharam quando o senador, homem de forte personalidade e caráter, assumiu a responsabilidade por sua educação, com o auxílio de professores e governantas. O clã dos Agnelli cresceu sob rigorosa disciplina militar. Todos obedeciam sem discutir as ordens do avô. Giovanni, o queridinho da mamãe, era o mais rebelde e levado. Talvez por isso mesmo, tornou-se o favorito do avô.

Isso ficou claro quando, ao completar 18 anos, ganhou de presente do senador sua primeira grande viagem. Um cruzeiro a bordo do transatlântico Rex rumo aos Estados Unidos, em companhia do primo Giovanni Nasi. Os dois jovens partem com toda a disposição que dois rapazes ricos e de bem com a vida têm para uma aventura assim. Na bagagem, apenas uma recomendação — ou melhor, uma missão a serviço do *senatore:* visitar a Ford em Detroit e trazer informações. Naquela época, a América, de Franklin Delano Roosevelt, via circular por suas ruas e estradas mais de 30 milhões de automóveis. A Itália contava menos de 300 mil, contra dois milhões da França e outros tantos da Inglaterra. No futuro teria que ser como eles. Ou melhor.

De volta à Itália, Giovanni teve que prestar serviço militar como oficial da cavalaria. Poderia ter se servido do prestígio e da força da família para facilmente escapar de combater na II Grande Guerra. Mas em nome da *solidariedade de gerações* seguiu para o *front* soviético. A experiência, claro, foi marcante. Até hoje ele declara: "A melhor educação possível é a oferecida pela escola militar."

Sua irmã mais velha, Clara, casada com o Príncipe Tassilo Fürstenberg, mãe da nossa conhecida Ira do mesmo sobrenome, conta que Gianni sempre teve uma grande coragem física: "Nunca teve medo da dor. Foi ferido duas vezes no deserto, teve um dedo congelado na campanha da URSS, quebrou o fêmur recentemente, colocou dois *by-pass*, mas sempre enfrentou tudo isso com muita dignidade."

Como não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe, veio o fim da guerra e, para Gianni, um período de bem-viver, de *baldoria*, de divertimento. Um tempo que seu avô lhe deu para curtir a vida ao máximo antes de prepará-lo para assumir os negócios. Era preciso que vivesse de tudo para não lamentar estar *perdendo tempo* e desviar a atenção do gigantesco trabalho que teria pela frente mais cedo ou mais tarde. Dirigir o império familiar. "Meu avô disse que por um certo tempo eu poderia sair do sistema e me divertir para valer. Nessa época, haviam duas categorias de rapazes: aqueles que falavam *das* mulheres e aqueles que falavam *com* as mulheres. Eu pertencia ao segundo grupo."

De volta ao *sistema*, ele foi nomeado vice-presidente da Fiat e passou a acompanhar a vida das empresas mais de perto. Numa visita à fábrica de Turim, ouviu da boca do Senatore Giovanni: "Posso lhe transferir o nome e o poder, mas a autoridade você tem que conquistar por conta própria."

Quando o avô morreu, em 1945, a família Agnelli tinha 70% das ações da Fiat. No seu momento mais crítico, perdeu 40% destes 70. Apesar de herdeiro e sucessor do *senatore*, Gianni só assumiu a presidência do grupo em 66, aos 45 anos. Até então, ele era o principal acionista, mas o comandante foi o gerente Vittorio Valleta.

Foto Gamma

Gianni e Marella nos jardins da mansão de Turim: um sólido casamento de 36 anos. Embaixo, seu sucessor, o irmão mais novo, Umberto.

"Mas eu sempre estive inteiramente a par do que acontecia nas relações entre a administração e o sindicato. Aos poucos compreendi que havia um poder — o sindicato — que era preciso considerar. Descobri que a melhor forma de evitar greves e discussões era levar em conta que o poder do sindicato devia ser responsável. Que devia ser um poder capaz de contribuir para manter a concórdia na fábrica e educar os operários com novos métodos de trabalho. Até 1968 as coisas evoluíram com forte tolerância. Depois veio o chamado outono quente. Em Paris, logo em seguida, estourou uma meia revolução. Nós tivemos uma perda contínua de autoridade administrativa. Esse período foi de desequilíbrio entre as relações de poder da administração e do sindicato. Custou caro e durou de dez a doze anos."

No início dos anos 70, a guerra no Oriente Médio e a chamada crise do petróleo representaram um golpe quase mortal para o mercado de automóveis. Toda a Europa sofreu com a crise e a Fiat atingiu o mais baixo índice de vendas de sua história. Foi preciso procurar um sócio, fosse quem fosse. Nesse ponto apareceu a Líbia de Gadafi como grande acionista da empresa. Só em 86 a Fiat conseguiu se livrar do incômodo parceiro. A Líbia vendeu

Com a Alfa-Romeo, a Fiat prepara uma importante ampliação de mercado invadindo os Estados Unidos ano que vem.

seu pacote de ações da Fiat por três bilhões de dólares. Parte destas ações foi adquirida pelo Deutsche Bank: 2,62% das ações ordinárias. Para conservar o patrimônio familiar depois da reaquisição do pacote líbio, os Agnelli constituíram recentemente uma nova sociedade: a Giovanni Agnelli & C., com quase todos os ramos da família (hoje são quase 100 herdeiros, eram doze quando o *senatore* morreu, conferindo a esta sociedade suas respectivas ações da *holding* IFI, que controla a Fiat e todas as outras indústrias ligadas. Desta forma, 76% da Finanziaria FI pertencem aos Agnelli e quem tenha intenção de vender suas ações tem por obrigação oferecê-las antes aos outros membros da família.

Desta forma, Agnelli conquistou aquilo que seu avô dissera que só ele poderia fazer: aquela autoridade característica dos grandes homens, principalmente quando são empresários. De lá para cá seu império só tem crescido. É claro que nem tudo se deve a seus méritos. Houve grandes mudanças na conjuntura italiana e mundial que permitiram certos avanços. Inclusive a perda de preconceito que se tinha nos anos 60 e 70 contra a figura do empresário. Hoje, um grande e bem-sucedido empresário, principalmente se tiver preocupações sociais, pode tranqüilamente freqüentar capas de revistas não especializadas em economia e se tornar assunto para extensas reportagens. Agnelli acha que tudo isso é tolice. "Além disso — explica —, é ruim para um homem de negócios ser assunto de capa de revista. Nos últimos dez anos, os homens de negócios sempre foram bastante impopulares. Hoje, de repente, foram os sindicatos e os políticos que se tornaram impopulares e os empresários privados se tornaram heróis."

Ele pode não gostar de ser objeto de especulação da imprensa. Mas toda a Itália adora que isso aconteça. Sua vida particular, por isso mesmo, é motivo de interesse público. Ainda mais por ter pitadas de sonho, como, por exemplo, quando, o plebeu Agnelli casou aos 32 anos com uma nobre italiana.

Tratava-se, na ocasião, da loura, alta e jovem (26 anos) filha do Príncipe Caracciolo di Castagneto, Marella, que tomou por marido o elegante Agnelli em um castelo de Estrasburgo, na França. Marella era amiga de infância dos irmãos mais novos de Gianni: Cristiana, Maria Sole e Umberto. Os dois tiveram dois filhos — Edoardo e Margherita — e mantêm uma vida, desde então, frenética dividida em quatro casas: a mansão de Turim, outra em Roma, o grande e luxuoso apartamento em Park Avenue, Nova Iorque, e um chalé em Saint Moritz, Suíça.

Nesses 36 anos de casamento, muitas fofocas rolaram na boca dos italianos e na imprensa de seu país e do mundo. Alguns flertes lhe foram atribuídos com cobiçáveis mulheres, aqui e ali, mas Gianni é o único dos irmãos que jamais pensou em se separar: "Pode-se fazer de tudo — aconselhou um dia a um amigo — mas não se deve abandonar a família."

Marella, sua mulher, tem por *hobby* a fotografia, e já publicou um livro sobre as vilas e jardins italianos, e ganhou um prêmio como desenhista de tecidos para decoração. Em sua discrição nobilíssima, permite-se comentários como esse, sobre o marido: "Ele é o homem menos monótono que eu conheço. Temos uma vida comum, no sentido em que passamos as férias juntos, esquiamos, nadamos ou visitamos museus. Mas Gianni não é um homem comum. Jamais usa a expressão *nós*, diz sempre *eu*. Tem ótimo relacionamento com os filhos e, se passa pouco tempo com eles, isso se deve ao trabalho e as suas responsabilidades."

Menos tempo ainda deve dedicar aos filhos quando tem, a cada dia que passa, uma preocupação crescendo na cabeça. A Fiat e a Ferrari, apesar de consolidadas no mundo, neste final de século se defrontam com um grande desafio. Os produtos e motores japoneses estão tomando conta do mercado europeu com uma competitividade acima da média, inclusive nos preços. Hondas e Toyotas invadem as pistas do mundo, ganham as ruas e as provas de Fórmula-1, dando a impressão de que o futuro do automóvel tem olho puxado.

"Os japoneses — comenta Agnelli — conquistaram 11% do mercado europeu em poucos anos com uma grande agressividade comercial. Não é difícil prever que esta fatia duplicará num futuro próximo."

Agnelli, apesar dos 68 anos, continua a trabalhar mais de dez horas por dia, passa oito meses por ano em Turim e o resto do tempo viajando e fazendo contatos e contratos pelo mundo. "O sucesso — e estou falando do sucesso da empresa e não no meu pessoal — é a razão pela qual trabalho tanto. Contribuir para a expansão do Grupo Fiat é para mim a coisa mais importante, prioritária. Se tudo correr bem, pretendo fazer isso, e, se Deus me ajudar, quero continuar lutando por esse ideal até os 75 anos. Depois será a vez do meu irmão Umberto."

A Lancia é outra tradicional marca italiana que não resistiu à expansáó da fábrica de Turim, e hoje é fabricada pela Fiat.

Henrique Koifman, Nilton Ricardo e o jipe que os levou até Las Leñas, depois de vencer 5.000km fora de estrada. À direita, uma das etapas de alta velocidade.

SÃO PAULO — LAS LEÑAS

5.000 KM FORA DA ESTRADA

Por HENRIQUE KOIFMAN
Fotos de NILTON RICARDO

Para a cobertura do 1º Rally Transandino, a equipe de ELE ELA atravessou rios e desertos, enfrentou perigosos caminhos de terra e teve que correr sempre mais do que os competidores. Foi uma dura jornada, compensada pela visão de paisagens inacessíveis a viajantes comuns e pela aventura em si.

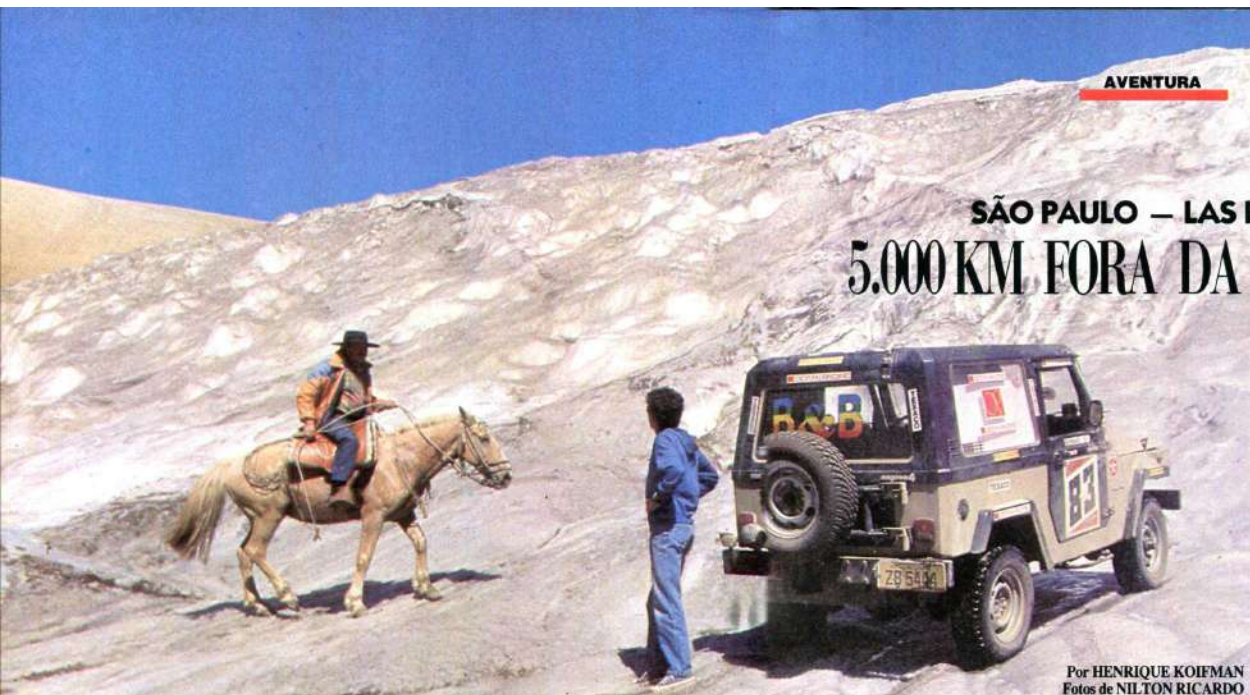
PARA se fazer uma boa cobertura de um *rally* de regularidade, antes de mais nada, é preciso chegar na frente, em cada etapa da competição. Sem concorrer aos prêmios e aos louros da vitória, os jornalistas têm que levar seus carros — geralmente sem preparo especial — à frente dos competidores, para registrar os momentos mais importantes e locais mais interessantes. Neste tipo de *rally* — ao contrário de competições como o Paris—Dakar, de velocidade — o mais importante é a constância e o controle. Não existem ultrapassagens audaciosas ou perseguições emocionantes. Em compensação, ele exige dos competidores uma grande dose de técnica e precisão. Cada segundo e cada metro são tão importantes que podem até definir uma prova.

Para acompanhar o 1º Rally Transandino, São Paulo—Buenos Aires—Las Leñas, uma prova de quase 5.000km, cruzando pela primeira vez Brasil e Argentina, embarcamos num Jipe Selva, da Mari Auto. Construído em monobloco de fibra, o Selva é uma espécie de *buggy* super-reforçado, com motor Volkswagen refrigerado a ar — o 1600 da Kombi — e vários acessórios especiais. A largada da prova foi dada no estacionamento do Morumbi Shopping, na nebulosa manhã de quarta-feira, oito de março. Seguindo pelo asfalto até Ibiúna, os competidores entraram no primeiro dos sete trechos de terra que os separavam da primeira chegada, em Curitiba. Passando por Piedade, Salto e Pilar do Sul, as estradas de terra, castigadas pela chuva e cheias de curvas fechadas, foram como uma prova de fogo para os treze inscritos nas três categorias — quatro na dos graduados, quatro na de turismo e cinco na de jipes e picapes. Apesar das derrapagens, todos conseguiram superar o trecho e, por São Miguel, alcançar Sete Barras, Eldorado, Iporanga, Ribeira e, finalmente, Curitiba. A dificuldade foi tão grande, que a maioria não conseguiu zerar um só *pc*.

Num *rally* de regularidade, o objetivo é manter-se dentro de uma média horária preestabelecida. Quem confere esta média são os vários postos de cronometragem — *pc* —, espalhados pelo trajeto em locais que os competidores desconhecem. Quando um carro passa adiantado ou atrasado por um *pc*, ganha pontos — um ponto para cada centésimo de minuto que estiver fora do horário. No final da competição, ganha quem tiver menos pontos somados. Quem controla e calcula tudo isso é o navegador. Enquanto o piloto se concentra na direção, o navegador, sempre consultando o livro de bordo e o odômetro parcial (instrumento que mede a distância percorrida e que pode ser *zerado* nos referenciais de largada), o orienta sobre as direções e velocidade. Ele funciona

SÃO PAULO — LAS LEÑAS

5.000 KM FORA DA ESTRADA



Henrique Koifman, Nilton Ricardo e o jipe que os levou até Las Leñas, depois de vencer 5.000km fora de estrada. À direita, uma das etapas de alta velocidade.

Para a cobertura do 1º Rally Transandino, a equipe de ELE ELA atravessou rios e desertos, enfrentou perigosos caminhos de terra e teve que correr sempre mais do que os competidores. Foi uma dura jornada, compensada pela visão de paisagens inacessíveis a viajantes comuns e pela aventura em si.

Por HENRIQUE KOIFMAN
Fotos de NILTON RICARDO

PARA se fazer uma boa cobertura de um *rally* de regularidade, antes de mais nada, é preciso chegar na frente, em cada etapa da competição. Sem concorrer aos prêmios e aos louros da vitória, os jornalistas têm que levar seus carros — geralmente sem preparo especial — à frente dos competidores, para registrar os momentos mais importantes e locais mais interessantes. Neste tipo de *rally* — ao contrário de competições como o Paris—Dakar, de velocidade — o mais importante é a constância e o controle. Não existem ultrapassagens audaciosas ou perseguições emocionantes. Em compensação, ele exige dos competidores uma grande dose de técnica e precisão. Cada segundo e cada metro são tão importantes que podem até definir uma prova.

Para acompanhar o 1º Rally Transandino, São Paulo—Buenos Aires—Las Leñas, uma prova de quase 5.000km, cruzando pela primeira vez Brasil e Argentina, embarcamos num Jipe Selva, da Mari Auto. Construído em monobloco de fibra, o Selva é uma espécie de *buggy* super-reforçado, com motor Volkswagen refrigerado a ar — o 1600 da Kombi — e vários acessórios especiais. A largada da prova foi dada no estacionamento do Morumbi Shopping, na nebulosa manhã de quarta-feira, oito de março. Seguindo pelo asfalto até Ibiúna, os competidores entraram no primeiro dos sete trechos de terra que os separavam da primeira chegada, em Curitiba. Passando por Piedade, Salto e Pilar do Sul, as estradas de terra, castigadas pela chuva e cheias de curvas fechadas, foram como uma prova de fogo para os treze inscritos nas três categorias — quatro na dos graduados, quatro na de turismo e cinco na de jipes e picapes. Apesar das derrapagens, todos conseguiram superar o trecho e, por São Miguel, alcançar Sete Barras, Eldorado, Iporanga, Ribeira e, finalmente, Curitiba. A dificuldade foi tão grande, que a maioria não conseguiu zerar um só *pc*.

Num *rally* de regularidade, o objetivo é manter-se dentro de uma média horária preestabelecida. Quem confere esta média são os vários postos de cronometragem — *pc*—, espalhados pelo trajeto em locais que os competidores desconhecem. Quando um carro passa adiantado ou atrasado por um *pc*, ganha pontos — um ponto para cada centésimo de minuto que estiver fora do horário. No final da competição, ganha quem tiver menos pontos somados. Quem controla e calcula tudo isso é o navegador. Enquanto o piloto se concentra na direção, o navegador, sempre consultando o livro de bordo e o odômetro parcial (instrumento que mede a distância percorrida e que pode ser *zerado* nos referenciais de largada), o orienta sobre as direções e velocidade. Ele funciona

como *acelerador* e *freio* da dupla. Nas equipes mais modestas, todo este festival de contas é feito na munheca, com ajuda, no máximo, de uma calculadora de quatro operações. Em equipes como a Gauchacar — que já tem tradição em *rallys* como este — o equipamento é um sofisticado computador de bordo, que fornece automaticamente a velocidade que o piloto deve manter, a cada segundo de competição.

A largada da segunda etapa foi dada em União da Vitória, a 244km de Curitiba, pelo asfalto. A cidade toda se mobilizou para a partida dos concorrentes.

De lá, cinco trechos de terra, entremeados por ligações de asfalto, atravessavam localidades como Bituruna, Palmas e Ponte Serrada. Nós decidimos cortar pela BR-153 até Concórdia e, pela BR-283 até Seara, onde começava o último trecho de terra, para Erechim. A viagem de mais de 300km foi tranqüila. Entramos por uma estrada de cascalho e barro muito bem nivelada e seguimos até as margens do rio Uruguai. Para cruzar suas águas turvas existe uma grande balsa rebocada por barco. Resolvemos aproveitar o ponto para fotografar.

Para cruzar o rio, os pilotos e navegadores dispunham de um *neutro* de 10 minutos. O *neutro* é um espaço de tempo, dentro de um trecho da prova, usado para transpor trechos de asfalto ou zonas povoadas, abastecimento, manutenção ou qualquer outra atividade que esteja prevista na planilha. Uma vez do outro lado, os pilotos pararam seus carros em frente a uma placa e, um a um, zeraram seus odômetros parciais e retomaram a competição. Na estrada de cascalho, nosso Selva se sentia em casa. Conseguimos manter e até mesmo superar a média horária dos competidores. Chegamos um pouco antes deles em Erechim. A baixa da etapa ficou por conta dos belgas-cariocas Bertrand Lancksweert e Bernard Kurs que capotaram seu Jipe Engesa. Os dois nada sofreram e, dois dias depois, voltaram à competição para completá-la.

A terceira etapa, saindo de Erechim, seguia por Passo Fundo e Carazinho, entrando depois numa estrada de terra que terminava em Cruz Alta. De lá, outro trecho de quase 250km de cascalho cortava grandes fazendas de gado, plantações de soja e vilarejos, como Cadeado e Santiago e acabava em Alegrete. Chegamos a atingir 110km/h nesta estrada. A média da competição era bem alta — em torno dos 80km/h — e a poeira tornava impossível acompanhar-se de perto os carros.

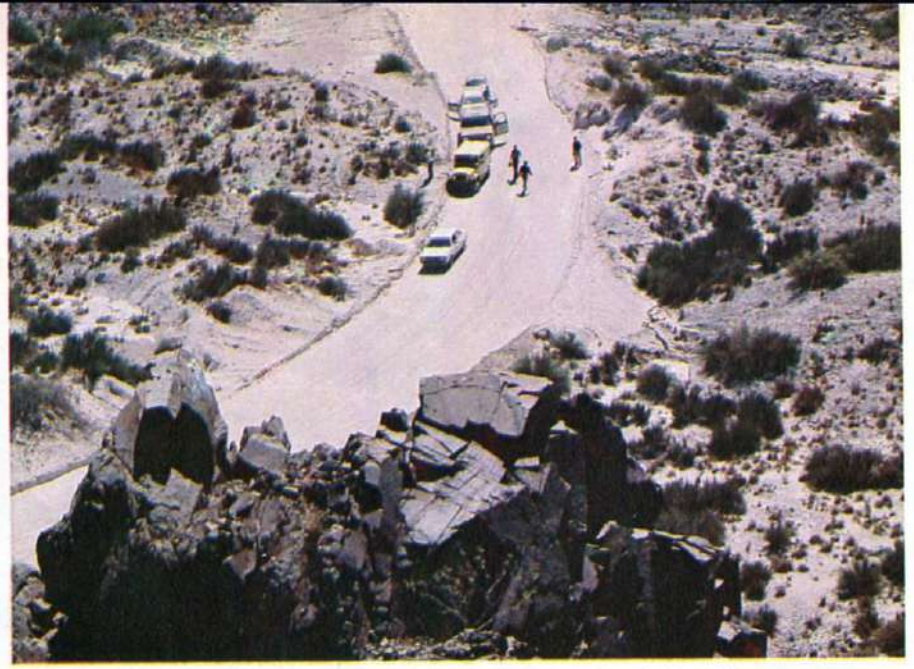
Nos 100km finais, até Uruguaiana, tivemos nossa primeira avaria. O limpador de pára-brisas quebrou e, uma chuva forte desabou em nossa cabeça, bem ao anoitecer. Dirigir em uma estrada de mão-dupla, movimentada, com chuva e sem limpador de pára-brisas não é das coisas mais fáceis. Fomos obrigados a *adotar* uma grande carreta como guia e, à sua sombra, seguir por mais de 60km. Apesar de tudo, chegamos ao centro praticamente junto dos outros concorrentes e da comissão técnica.

Para a viagem de pouco mais de 250km entre Uruguaiana e Concórdia — local da primeira largada em território argentino —, a organização do Transandino reservou um dia inteiro. Além de alguns reparos nos carros, os competidores e todos os demais envolvidos na prova precisariam de algum tempo extra para tratar da entrada na Argentina, preenchendo papéis, apresentando documentos etc. Quem ainda não possuía dois triângulos de sinalização — norma naquele país — teve que comprar o segundo às pressas. Ficamos sabendo também que todos os automóveis deveriam possuir um gancho para reboque. Com o tempo, descobriríamos que todas estas exigências e mais outras tantas só são feitas aos turistas brasileiros.

A Polícia Caminera, destacada para zelar pela segurança nas estradas, faz questão absoluta de fechar seus olhos para os diversos automóveis de seus conterrâneos que circulam sem as mínimas condições. Calhambeques que ouviram Gardel ao vivo se arrastam pelas estradas sem faróis, pára-lamas ou placas. Verdadeiras peças de museu — a maioria, infelizmente, em péssimo estado de conservação — fazem da paisagem portenha algo surrealista. Fords da década de 20 e 30 convivem barulhentos com Sierras XR4 modelo 89. No meio desta verdadeira babel anacrônica, a *caminera* escolhe somente os autos brasileiros para fiscalizar. Sem a menor sutileza, eles são capazes de trocar caríssimas multas — muitas vezes imaginárias — por dois ou três maços de cigarro. Toda esta corrupção destoa do quadro extremamente civilizado e cordato que, em geral, a Argentina apresenta aos visitantes, mesmo nas menores cidades.

Nossa passagem pela aduana — tanto brasileira quanto argentina — foi tranqüila. Devidamente autorizados, saímos da Ponte da Amizade em uma pequena caravana, que incluía a picape da TV Cultura de São Paulo, outra da revista *4x4* e mais alguns jipes e carros da competição. Pouco mais de 20km depois da fronteira, pela Ruta 14, encontramos uma pequena estrada de terra que ia dar em uma fazenda. Resolvemos utilizar o cenário para fotos e filmagens. Convidamos o piloto Klever Kolberg — que já participou de dois *rallys* Paris—Dakar, de moto — para guiar nosso carro, fazendo algumas manobras arrojadas como cavalos-de-pau e curvas no limite de aderência. Nilton Ricardo se colocou na curva para as fotos. Resolvi permanecer ao lado de Klever, acompanhando as manobras. Depois de umas duas passagens, levantando muita poeira, em alta velocidade, ele resolveu voltar pelo acostamento da estrada principal, até onde estavam estacionados os outros carros. Quando já estávamos próximos a eles, o piloto resolveu dar um cavalo-de-pau na areia do acostamento. O

Kiko e Andreas, responsáveis pelo abastecimento dos competidores, pegavam trilhas com seu *gaiola* nas horas vagas.



Nas escarpas dos Andes, os jipes em caravana quebravam a monotonia da paisagem.

tranco da enorme roda traseira na beira do asfalto fez com que o carro tombasse completamente, ficando com as quatro rodas para cima, no meio da pista. Como é hábito há anos, eu estava usando o cinto de segurança — o do jipe era um de tipo especial para competições com quatro pontos de apoio — e fiquei pendurado de cabeça para baixo. Quando me soltei, fui puxado para fora por um dos competidores que, a esta altura, já cercavam o Selva. Klever também foi puxado. Alguns arranhões nas mãos, causados pelos pedacinhos de vidro do pára-brisa e um cotovelo ralado foram as únicas feridas que tivemos.

Em poucos minutos, o jipe já estava desvirado, o pára-brisas quebrado já havia sido retirado e o motor voltara a funcionar. Ainda um pouco confuso, peguei um capacete emprestado e, ao anoitecer, já estávamos chegando em Concórdia.

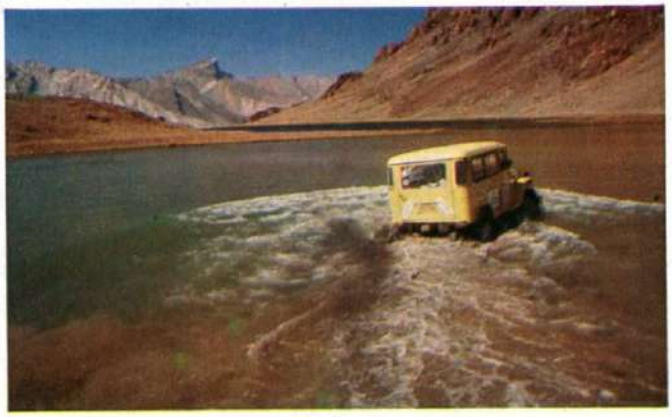
Saímos da Praça 25 de Majo, em Concórdia, atrás dos competidores. Por causa do acidente, tivemos que passar nossa bagagem para a picape da TV Cultura e fizemos parte das últimas etapas juntos. O carro da equipe de TV, pilotado por Klever, conseguia facilmente acompanhar os demais. Nilton passou a viajar com eles, enquanto eu procurava acompanhá-los no jipe, até Zarate, última referência antes de Buenos Aires. Entre Rosário e Galeguay, o Fiat Prêmio da dupla Massami Igarashi e Sérgio Loureiro teve problemas na ignição eletrônica e perdeu muito tempo — e pontos. Além disso, a grande quantidade de pedras naquele trecho quebrou o pára-brisas e o vidro traseiro do carro, dificultando a pilotagem.

Nossa entrada na capital portenha foi brindada com um colossal engarrafamento dominical. Apesar da demora, conseguimos chegar facilmente ao tradicional e decadente Hotel Savoy, bem no centro da cidade. As largas avenidas da capital plana e planejada são fáceis de se compreender e de se achar. A arquitetura, em geral, lembra a de cidades européias, como Barcelona. A vida noturna é muito intensa e todo o comércio fica aberto até dez da noite.

Depois de um dia livre na capital, partimos ao anoitecer para Junin, de onde largaria a quinta etapa. Junto com a equipe da Cultura, pegamos uma auto-estrada e acabamos por nos perder. Encontramos uma grande carreta parada no acostamento e resolvemos parar para pedir informações. Enquanto Klever conversava com o motorista, nós, com nossos capacetes, luvas e casacos, aguardávamos sentados no jipe. De repente, um carro da polícia estacionou na nossa frente. Um dos policiais, empunhando ostensivamente uma espingarda ficou junto à porta do carro. Outro, com uma pistola na mão, se aproximou cuidadosamente de nós e, quando estava a uns dez metros gritou: *"manos arriba!"* Completamente apavorados, levantamos as mãos. Nilton gritou para ele que nós éramos *"periodistas brasieiños"*. Ele nos mandou descer do carro, bem lentamente, e esperar. Foi até o grupo atras de nós — que nesta altura já estava todo com as mãos igualmente levantadas — e conversou por alguns segundos. Depois voltou até onde estávamos, já com a arma no coldre, e se desculpou. "Pensei que eram assaltantes". Devidamente instruídos quanto ao caminho certo para Junin, retomamos a estrada. A não ser por mais uma parada, num posto móvel da *caminera* — que extorquiu 200 australes do pessoal da Cultura —, chegamos tranqüilos ao nosso destino.

Em Junin, resolvemos nos dividir para a próxima etapa. Nilton seguiu com a picape e eu passei a acompanhar um dos carros responsáveis pelo abastecimento da prova. Christian Screrl, 21 anos, e e Andreas Hemann, 19, queriam inscrever o seu *gaiola* — um veículo construído especialmente para andar fora-de-estrada — no *rally*. Como não havia mais nenhum concorrente inscrito em sua categoria, foram convidados pela organização para fazer os pagamentos do abastecimento dos competidores durante todo o percurso. Mesmo assim, sempre que possível, eles percorriam os caminhos da prova. E foi isso que fizemos no areal, entre Huinca e Daract, último trecho do dia. Até lá, seguimos pela Ruta 7, que corta o *chaco* — uma paisagem que lembra um pouco o nosso pantanal, em época de seca. Depois

Continua na pág. 80



Os jipes e picapes andavam juntos, dentro e fora do *rally*. O espírito competitivo acabou cedendo espaço ao companheirismo.

VIAGEM

Foto Editorial Atlantida

PUNTA DEL ESTE

UM POINT PARA CURTIR E INVESTIR

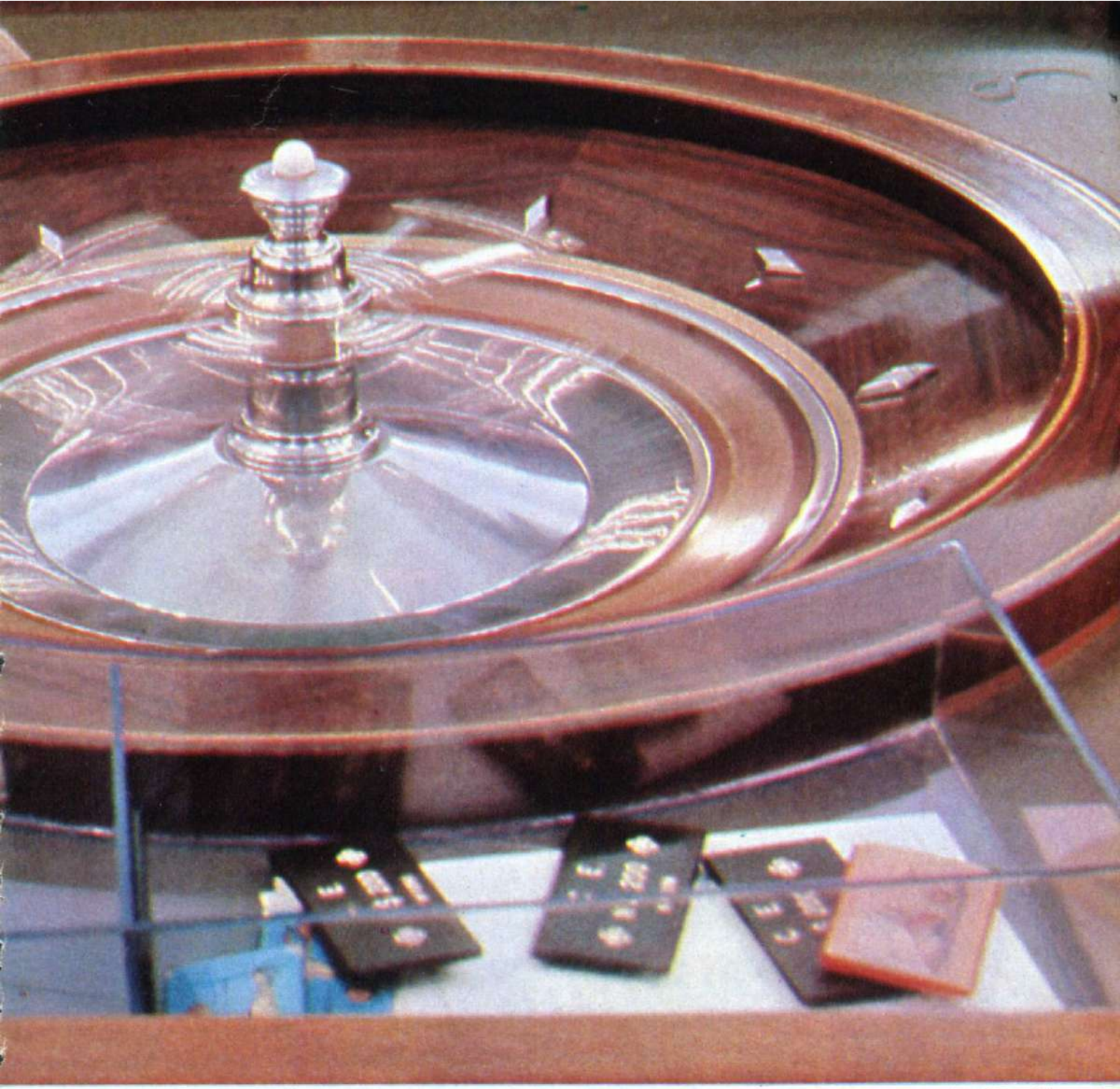


Foto de Dario Zalis

Brasileiros bem nascidos, de boa cepa ou belas contas bancárias acabam de descobrir uma grande forma de unir o utilíssimo ao indispensável agradável: investir em Punta del Este. Este sofisticado balneário junta praias, mar, sol, gatas, jogo, hotéis de alto luxo, restaurantes idem e incentivos fiscais para quem quiser aplicar seus dólares ou cruzados novos.

Por TARLIS BATISTA

UM verdadeiro paraíso fiscal num sofisticado balneário, onde belas mulheres de espírito latino circulam em sumários biquínis sem se preocupar com roubo ou violência. Podia ser Ibiza, Saint-Tropez, Cannes ou Marbella, mas trata-se da uruguaia Punta del Este, distante apenas 90km de Montevidéu. Descoberta nos anos 30 por milionários argentinos e brasileiros, que encontraram ali as mesmas e excelentes condições para um tranqüilo e bucólico verão à beira-mar como os que passavam na Europa, com o passar dos anos Punta del Este cresceu e os argentinos compraram a maioria das casas e mansões, enquanto os brasileiros se afastaram. Quase ao mesmo tempo, o governo uruguaio começou a criar leis para atrair capitais estrangeiros para os seus bancos, oferecendo condições tão boas ou melhores do que as dos bancos suíços. Hoje, alcançada a estabilidade política, estima-se que uma boa soma dos dólares de brasileiros depositados no exterior está em Punta del Este, a Suíça do Terceiro Mundo.

Como nas Baleares, Punta del Este só funciona nos meses de verão (aqui de dezembro a março), sendo o pique máximo

em janeiro e fevereiro. Ninguém dorme ou acorda cedo: o café da manhã começa por volta das 12h, o almoço nunca é servido antes das 16h e as saídas para jantar costumam acontecer após as 23h. Quem tentar fugir a estes *rígidos* horários encontrará ruas desertas pela manhã, restaurantes fechados antes dos horários de freqüência tradicional e praias vazias em horários que, no Brasil, habitualmente elas estão lotadas. Ou seja, tudo como na Europa.

Também nos preços e na freqüência Punta del Este se aproxima dos balneários europeus. Julio Iglesias, Cathèrine Deneuve, Isabelle Adjani, Rod Stewart, Jean-Paul Belmondo e outras personalidades do *showbiz* e das finanças procuram Punta del Este para fugir do inverno europeu e participar de festas em clubes noturnos ou jantares nos melhores restaurantes franceses — eles são mais de 50 — ou na Posta del Cangrejo, na Barra, uma pousada e restaurante de Ana Matia Bosco, única mulher uruguaia com título de *chef*, recebido das mãos de Paul Bocuse.

A maioria dos que procuram o balneário uruguaio não costuma ficar nos hotéis. Eles preferem alugar as muitas mansões, todas cercadas por bem-cuidados jardins sem muros, cujos valores restringem o acesso aos de sólidas contas bancárias: mínimo de 15 mil e máximo de 45 mil dólares por temporada de apenas três meses. E se você pensa que são poucos os que bancam tais condições, tente alugar uma casa ou mansão entre janeiro e fevereiro. No final de março, segundo Eduardo Gattas, uma versão uruguaia do nosso Sérgio Dourado, "já temos hoje 85% das casas alugadas para o verão de 1990".

Mas não são franceses ou norte-americanos os turistas mais freqüentes. Nos meses de verão Punta del Este ganha um sotaque argentino, mas nos últimos quatro anos estamos ouvindo muito portunhol", acrescenta Daniel Briano, dono do Hotel Suizo/Centro. Afinal foram os milionários argentinos e brasileiros (Matarazzo, Scarpa e outros, todos de São Paulo) os primeiros estrangeiros a comprar casas no balneário, quando ele ainda não tinha a infra-estrutura turística de hoje.

Com o afastamento dos brasileiros durante a ditadura militar no Uruguai, os argentinos tomaram conta: montaram clubes, boates, restaurantes e transformaram aquela cidade na "preferida pelos segmentos de mais alto poder aquisitivo da Argentina para o seu período de férias. Hoje, passar férias em Punta del Este dá *status* a qualquer cidadão argentino. Por quê? Só quem tem grana pode desfrutar — e bem — da cidade", esclarece o diretor-editor da revisa *Gente*, de Buenos Aires, que nos meses de janeiro e fevereiro monta uma pequena redação naquele balneário.

Os brasileiros começaram a voltar há quatro anos. E as razões eram em tudo semelhantes às dos argentinos: facilidades cambiais oferecidas pelo governo uruguaio. Isso aconteceu logo após a posse do Presidente Júlio Maria Sanguinetti, em março de 85. "Os argentinos, mesmo durante a ditadura, não deixaram de veranear em Punta e de abrir contas em dólares em nossos bancos. Sabiam, pela longa convivência, que as mudanças políticas não afetam o nosso sistema bancário, na parte de câmbio livre. Só agora os brasileiros estão descobrindo as grandes vantagens que oferecemos", explicou Luiz de Maria, presidente da Comissão de Fomento de Punta del Este.

A verdade é que Punta del Este é um paraíso fiscal, segundo os *experts*, tão bom ou melhor, em diversos aspectos, do que Suíça ou Bahamas. "Todo mundo sabe que ter conta secreta na Suíça deixou de ser tão secreto assim. Basta um juiz suíço proferir uma sentença para que o seu segredo seja revelado. No meu país, a Constituição garante o segredo das contas", garante Ariel Korondi, empresário uruguaio que atua também na França e Brasil, buscando atrair investimentos brasileiros para o Uruguai. "E para quem mora num país do Terceiro Mundo e tem conta em bancos norte-americanos, existe o risco de ter a sua conta bloqueada caso seu país decrete a moratória da dívida externa", acrescenta Korondi.

Existem outras vantagens. As taxas de juros são atraentes e não estão muito distantes das oferecidas pelos bancos suíços, norte-americanos, ingleses e das Bahamas. "Não temos cobrança de imposto de renda, de sucessão e herança para os depósitos em dólares. Você pode entrar e sair do país com a quantidade de dinheiro que desejar. Em dólares, francos suíços, libras ou cruzados, sem qualquer problema. Para abrir uma conta basta apresentar o seu passaporte", informa o governador de Maldonado, estado em que Punta del Este é um dos municípios. Para quem mora no Brasil, pode-se acrescentar outra

Foto de Dario Zalis

Foto Editorial Atlantida

Foto Editorial Atlantida

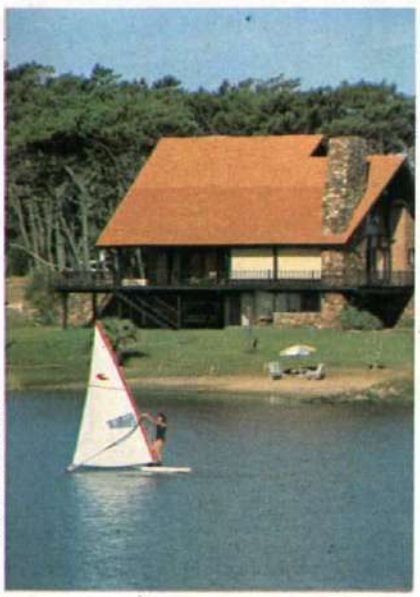
Foto Editorial Atlantida

Foto Editorial Atlantida

Foto Editorial Atlantida

Foto de Dario Zalis

Foto de Dario Zalis



A apenas 90 km de Montevidéu, Punta del Este atrai turistas de todo o mundo, especialmente argentinos e brasileiros, que encontram no balneário uma espécie de Suíça do Terceiro Mundo, com a vantagem do calor e das gatas em sumários biquínis. Ali, a beleza natural ganha o toque sotisficado das mansões e o colorido das velas de *windsurf*. Um cenário ideal para o *levante*, a nossa paquera.

vantagem: gasta-se menos dólares para ir ao Uruguai do que para ir aos Estados Unidos, Suíça ou Bahamas.

"Citar nomes eu não cito. Não sou o leão do imposto de renda. Todo mundo sabe, lá no Sul, que é grande o número de brasileiros que trazem as suas pastinhas cheias de cruzados, que trocam por dólares para abrir contas nos bancos uruguaios", revela o cronista social Gasparotto, da *Zero Hora*, de Porto Alegre. E, segundo estimativas não muito precisas, Gasparotto tem razão. Quem atua na área financeira sabe que é grande, nos últimos anos, a evasão de dólares para o exterior. Só que todos pensavam na Suíça ou Bahamas, quase ninguém desconfiava do Uruguai, onde do total de três bilhões de dólares depositados nos bancos — os cálculos são estimativos — dois terços pertencem a estrangeiros. Os depósitos brasileiros devem estar próximos dos 300 a 500 milhões de dólares.

"No próximo verão eu já deverei estar instalado em Punta del Este", garante Ricardo Amaral, percebendo as imensas facilidades cambiais e de incentivo comercial, oferecidas pelo governo uruguaio para quem faz investimentos que aumentem a oferta de emprego ou estimulem o turismo. Em dezembro ele esteve em Punta e iniciou conversações para adaptar a boate do Hotel San Raphael numa casa noturna, em tudo semelhante à versão argentina da Hippopotamus. Ricardo Amaral, porém, não é o único brasileiro interessado em montar negócios ali. No final de fevereiro e início de março, a *promoter* Ana Maria Tornaghi esteve no balneário, aparentemente para participar de uma série de eventos sociais e de uma exposição de fotografias de João de Orleans e Bragança e Chris Kessler. Era uma cortina para ocultar os verdadeiros motivos: estudar as possibilidades de Chico Recarey ou José Victor Oliva montarem uma boate. Ela voltou na Semana Santa, pois "só existe um problema a ser contornado. É o de funcionamento apenas durante quatro meses do ano. Resolvendo esta questão, o resto é fácil".

A curta temporada de faturamento é a maior dificuldade para quem deseja investir em Punta del Este e, também, a razão dos preços ali serem tão elevados. "Nossos clientes se acostumaram com um nível alto de atendimento. E requinte custa caro. Somando tudo isso ao pouco tempo de duração da temporada, os preços têm que ser proporcionais", resume Ana Maria Bosso, líder da Associação de Moradores da Barra, onde todas as casas têm estilo mediterrâneo e não se permite a construção de qualquer prédio com mais de três andares e fora do estilo adotado. "Por isso fica difícil para uma cadeia de hotéis internacionais montar um cinco-estrelas em Punta. Mas existe um projeto aprovado de construção de um", segreda Benito Stern, o governador. Assim, como acontece em Búzios, as melhores acomodações são nas pousadas ao preço médio de 150 dólares a diária, incluindo o café da manhã. Os hotéis são pequenos, confortáveis mas sem luxo, e cobram uma média de 70 dólares diários.

Dois aspectos levam o brasileiro a sentir mais fortemente as diferenças entre Punta e as cidades litorâneas daqui: segurança e comportamento conservador. Os últimos ladrões presos, há três anos, eram dois brasileiros, que foram largados na fronteira e aconselhados a não voltar mais à cidade. O melhor testemunho é dado pelo empresário gaúcho Aparício Noronha, que há mais de 20 anos tem casa em Punta: "Enquanto em minha casa em Porto Alegre adoto diversos sistemas de segurança, aqui eu não me preocupo com isso. Meus filhos andam tranqüilamente pelas ruas de madrugada, sem correr qualquer risco. Onde se encontra isso no Brasil? Minhas janelas são de vidro." Quase não se vê policiais nas ruas de Punta del Este. O

Foto de Dario Zalis

Foto de Dario Zalis

Não só nos bancos, que têm contas mais secretas e invioláveis que os da Suíça, como nos cassinos os brasileiros deixam muito dinheiro.

controle de trânsito na rua do *footing* — a Gorlero, homenagem a um dos fundadores da cidade — é feito por mulheres que atuam de uma forma discreta, nada ostensiva.

No entanto, é no estilo conservador de vida que o brasileiro notará a grande diferença, especialmente nos homens. Enquanto elas, louras ou morenas de pele alva dourada pelo sol, costumam andar nas praias e nas ruas com sumários biquínis, deixando as bundinhas de fora, os homens só usam largos e compridos calções de banho. O *levante* — azaração, paquera, flerte... — acontece na Gorlero, especialmente no bar e restaurante Fragata. Por ali circulam as mais belas mulheres da cidade, e quem deseja ver e ser visto deve passar no Fragata entre 23h e 1h, quando fica difícil encontrar uma mesa para sentar.

Se a abordagem e o papo correm soltos, o difícil é conseguir, no primeiro encontro, levar a gatinha a um local ermo — não existem motéis, que são conhecidos como *alojamientos* — e conseguir algo mais do que beijinhos e abraços. "O conhecimento é fundamental. Não chega a ser uma questão de preconceitos, mas é uma norma, quase uma regra", aconselha Graciela Aguirre, 19 anos, argentina que desde os 13 anos passa os verões em Punta. Não pensem porém que as gatinhas são santas, longe disso. "Só que com a AIDS e as drogas, todas colocaram seus pés atrás. Mesmo quando acontecem aquelas paixões fortes, ninguém transa sem preservativo", é a explicação de uma jornalista argentina que prefere não revelar o seu nome. "Mas namorar, todas nós namoramos. Não dá para imaginar um período de férias sem viver um grande amor", confessa sorrindo Marta Liliana Gonzales, 17 anos, uma bela loura que não esconde, nas praias e nas ruas, as generosas linhas do seu belo corpo em sumaríssimos biquínis ou minúsculas bermudas.

Apesar de o Presidente Júlio Maria Sanguinetti ter colocado o desenvolvimento do turismo como um dos principais objetivos do seu governo, os moradores e veranistas de Punta del Este — apenas 4 mil fora da estação e 150 mil nos meses de verão — não acreditam que "um turismo massivo irá invadir nossas praias. Punta del Este continuará sendo o local para um turismo sofisticado", completa Luiz de Maria. Em outras palavras: o acesso a este paraíso natural e fiscal continuará restrito aos de gordas somas bancárias.

NEM TODOS OS CAMINHOS LEVAM A PUNTA

São duas as alternativas para se chegar a Punta del Este de avião. A primeira são os vôos que saem de São Paulo e do Rio de Janeiro — o trecho São Paulo/Punta é direto —, custando US$ 360,00 de São Paulo e US$ 410,00 do Rio — a conversão é pelo dólar oficial.

Quem não conseguir lugar nos dois vôos semanais para Punta del Este, que quase sempre estão lotados, o jeito é voar até Montevidéu e alugar um carro (preço médio de US$ 50,00 diários), ou tomar um ônibus. Nos dois casos, a viagem terá uma duração média de 90 a 120 minutos. É bom frisar que o turista que escolhe Punta, dificilmente chega na cidade de ônibus. Mas eles estão lá para quem desejar, as passagens custando 1.500 pesos (algo em torno dos NCz$ 6,00).

Se você é o tipo de turista previdente e resolver viajar a Punta del Este entre os dias 15 de dezembro e 15 de março, período da alta temporada do verão, antes fará as suas reservas de hotel. É que neste período é praticamente impossível se conseguir uma vaga nos hotéis e pensões daquele balneário, tanto nos mais simples como nos mais sofisticados. Os argentinos invadem a cidade e pouco ou quase nada sobra para os distraídos. Os melhores hotéis — San Raphael, L'Auberge, La Capilla, Amsterdam, Ibéria, Atlântico e Tanger, entre outros — cobram uma diária média de US$ 100,00 para um apartamento de solteiro, com direito a café da manhã, e US$ 140,00 para um apartamento de casal. Os hotéis médios estão situados na faixa dos US$ 80,00 a US$ 100,00 — Suizo Centro, Peninsula, Florinda, Arena's, Salto Grande e Ayax.

Existem restaurantes para todos os gostos e bolsos em Punta del Este. La Bourgogne e Le Lutece, por exemplo, podem chegar a cobrar até US$ 120,00 por pessoa num jantar regado a bom vinho francês. Mas se encontrarão, por todos os lados, bons restaurantes de frutos do mar, cobrando preços que variam dos US$ 10,00 aos US$ 20,00 por pessoa, tomando-se vinho nacional (uruguaio), argentino ou chileno. Os melhores estão localizados nas imediações do porto ou na Rua Gorlero.

As melhores praias são as de Solanas, Biquini e as próximas ao bairro chamado Barra. Não confie em ônibus para chegar a qualquer uma dessas praias: eles praticamente não circulam em Punta. A solução é o aluguel de um carro. Se você for esperto, alugará um carro numa das cidades que fazem fronteira com o Uruguai — distantes cerca de 300km de Punta —, por um preço infinitamente inferior aos cobrados em Punta — US$ 16,00 no Brasil contra os US$ 50/60 cobrados no Uruguai.

T.B.

SHOP STOK

SHOP STOK COMERCIAL LTDA.

MAIS MÚSCULOS... MAIS FORÇA

ISOTONICS

Eu sempre tive vontade de ficar com o corpo igual ao desses atletas famosos. Super musculosos e fortes. Pensei que isto não fosse possível já que não tenho tempo de ir à academias e ficar horas fazendo ginástica. E ainda por cima seguir aquelas dietas super difíceis.

Um dia descobri **ISOTONICS**, este maravilhoso aparelho. É realmente inacreditável. Com apenas 10 minutos diários em minha própria casa, meus braços ficaram mais fortes, minhas pernas endureceram como pedra e meus ombros ficaram mais largos e modelados. Até mesmo a barriga sumiu.

Fiquei super contente com o desenvolvimento da minha nova forma física. Você sabe como? Comprei o meu **ISOTONICS** e junto veio o folheto explicativo com o **PRINCÍPIO DA RESISTÊNCIA PROGRAMADA**, super fácil de seguir e com tudo bem explicadinho.

É fácil... você só precisa pedir hoje mesmo o seu **ISOTONICS.**

Você também pode ter o corpo que desejar.

NCz$ 38,60

STOP SMOKE KIT

PARE DE FUMAR EM 10 DIAS

Você já deve ter tentado parar de fumar de várias maneiras que não deram certo. Mas uma enorme vontade de parar ainda existe.

Foi justamente pensando nesta necessidade que nós estamos lançando o sensacional **STOP SMOKE KIT.** Você vai parar de fumar sem força de vontade ou qualquer tipo de sacrifício que venha lhe prejudicar futuramente. É muito simples.

STOP SMOKE KIT age gradualmente, você vai aprendendo a não fumar e em apenas 10 dias seu organismo estará acostumado com a falta de cigarros. Evitando efeitos colaterais ou cortes drásticos, **STOP SMOKE KIT** é absolutamente seguro e sem contra indicações. Definitivamente, **STOP SMOKE KIT** é a maneira decisiva e inteligente para quem quer parar de fumar.

APAGUE O CIGARRO DE SUA VIDA. **NCz$ 24,30**

UMA DECISÃO MUITO INTELIGENTE

SÓ É MAGRO QUEM QUER

AGORA É MAIS FÁCIL ENGORDAR!

Os padrões mudaram e a magreza deixou de ser sinal de beleza. Hoje o homem que agrada é o homem forte, com o corpo proporcional e músculos aparentes. Sem falar no fato de que ser magro demais pode significar falta de vigor, falta de saúde, etc.

VITALFORM é o complemento alimentar do homem moderno. Este composto 100% natural é adicionado às refeições deixando-as mais saborosas e saudáveis. Com **VITALFORM** você ganha 1, 2, 3 ou quantos quilos quizer, com mais energia. Magreza tem solução e você sabe que as mulheres admiram um homem com o corpo na medida correta. **VITALFORM** faz isso por você. Não perca mais tempo, você merece um novo corpo.

PARA HOMENS E MULHERES

NCz$ 24,10

Todo espião tem um Falcon! E todo curioso também!

FALCON

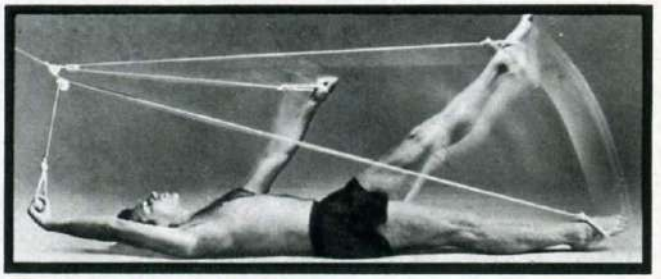
A sensação mundial em micro-espionagem

Todos nos temos uma enorme curiosidade de saber o que acontece quando não estamos presentes, de ouvir através das paredes. Agora isto já é possível! Você vai adorar este lançamento. Chegou **FALCON,** um super microfone espião que vai deixar você por dentro de tudo. Agora os segredos deixarão de existir pra você. **FALCON** transmite até 200 metros através de um radio doméstico ou de automóvel, com sonoridade perfeita. Você ouve tudo. **FALCON** é menor que um maço de cigarros, facilmente ocultável e só você vai saber onde ela está. Segredos, fofocas, declarações secretas poderão ser ouvidas por você sem que ninguém perceba. **FALCON** é um aparelho profissional que pode ser usado também como babá eletrônica. Peça já o seu **FALCON** e receberá rapidamente em embalagem super discreta e inviolável.

NCz$ 45,50

EXER-TONER

UM NOVO E REVOLUCIONÁRIO EXERCITADOR



PERCA A BARRIGA E TENHA UM CORPO FIRME, FORTE E BONITO COM APENAS 5 MINUTOS DIÁRIOS

Joe Wilder, técnico e treinador dos campeões americanos de modelagem física, desenvolveu nos Estados Unidos um exercitador realmente completo. Agora no Brasil, esta sendo lançado **EXER TONER** o exercitador que faz você manter a forma física eliminando a barriga e a flacidez. Com apenas 5 minutos diários em sua própria casa você vai substituir sua barriga por músculos firmes, adquirindo um novo corpo. **EXER-TONER** é portátil e você instala facilmente onde você estiver, podendo ser usado por qualquer pessoa. Junto com seu **EXER-TONER** você recebe o método Joe Wilder com ilustrações e instruções facílimas de se seguir. Você já sabe o que fazer. Preencha o cupom e peça hoje mesmo seu **EXER-TONER.**

NCz$ 39,90

FAÇA JÁ O SEU PEDIDO POR TELEFONE (011) 276-3811

EE-239

SHOP STOCK Comercial Ltda.
Caixa Postal 57070 - CEP 04093 - São Paulo - SP

Desejo receber os seguintes produtos	Cheque ou Vale Postal	Reembolso Postal
☐ Isotonics	NCz$ 31,60	NCz$ 38,60
☐ Falcon	NCz$ 37,00	NCz$ 45,50
☐ Stop Smoke Kit	NCz$ 18,00	NCz$ 24,30
☐ Vitalform	NCz$ 17,80	NCz$ 24,10
☐ Exer-Toner	NCz$ 32,00	NCz$ 39,90

☐ Envio junto com este cupom ☐ Cheque nominal ☐ Vale postal (Ag. Central - cod. 400009) no valor de NCz$ .....

☐ Prefiro pagar ao retirá-lo no correio ao preço de NCz$ ..... (reembolso postal mais despesas postais).

Favor prencher em letra de forma

Nome .....

End. ..... Nº .....

Apto. ..... Tel.: ..... Bairro .....

Cidade ..... Est. ..... CEP .....

Se o cupom deste anúncio já foi destacado faça o seu pedido a Shop Stock Comercial Ltda. Rua Luiz Góis, 1505 CEP 04043 - São Paulo - SP

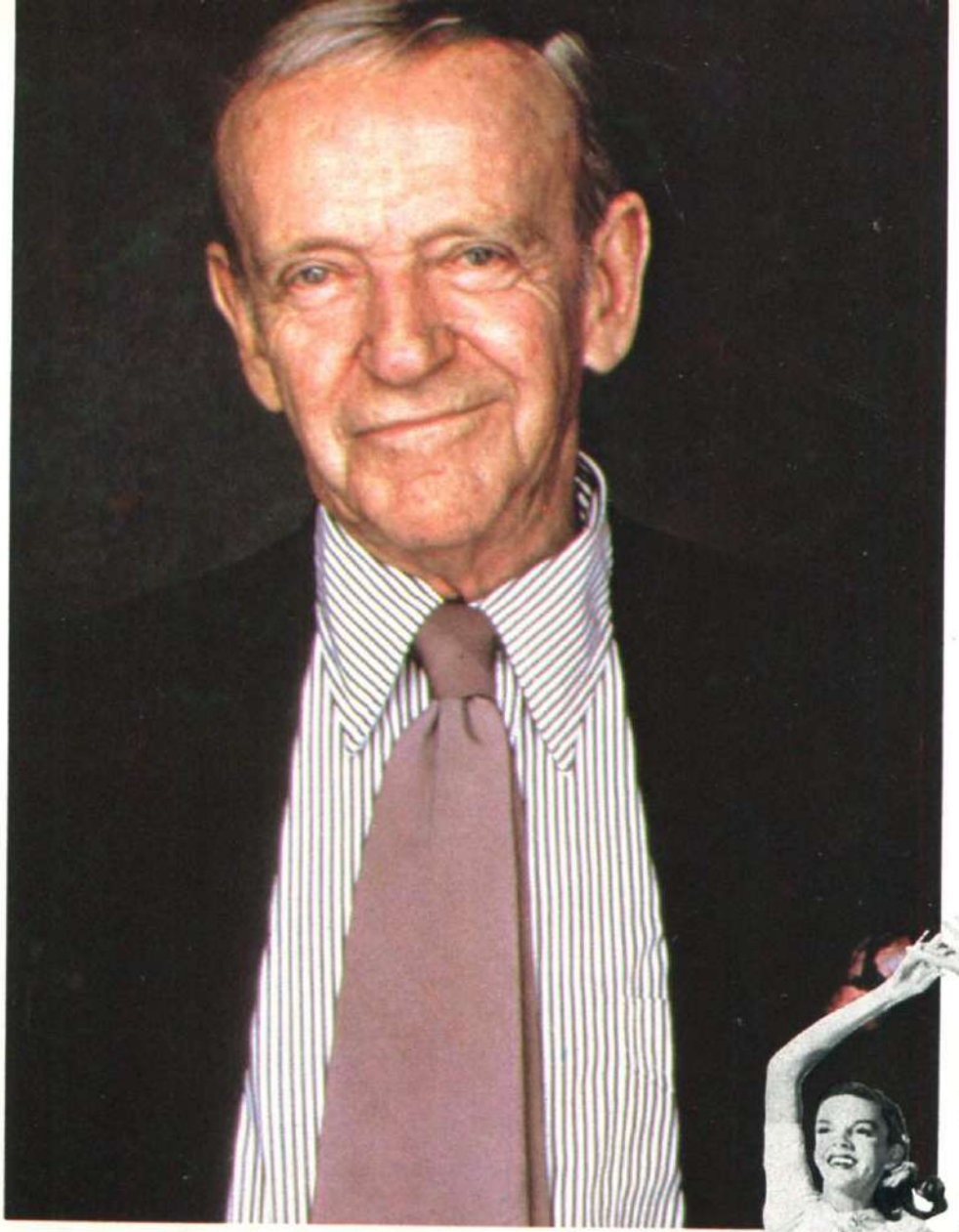


Foto Sygma

NINGUÉM JAMAIS FOI TÃO ELEGANTE COMO

FRED ASTAIRE

(NEM TEVE TANTO ESTILO)

Por RENATO SÉRGIO

Frederick Austerlitz nasceu para bailar, reinventou o charme e deixou um estilo quase inimitável. Nunca alguém dançou como ele, vestiu-se como ele ou viveu como ele. Ninguém jamais poderá assumir seu lugar nos letreiros terrenos porque, além das impossibilidades mais óbvias, o mundo do maior *gentleman* de todos os tempos acabou, anos antes de sua morte.

É tudo uma simples questão de estilo. Um dom. Coisa que não se aprende na escola, portanto. Nasce-se, com ou sem. E só quem tem, sabe quem tem. É aquele alto toque, superclassudo. Acontece que o chamado *estilo Astaire* é bossa que chegou até este Fred pelo berço, através de cromossomos paternos austríacos valsantes, nada delirantes. Suavemente, rotação 33 por minuto. Pai vienense é demais, o feto jamais se acafajesta, nunca chega a personagem de Nélson Rodrigues, mesmo encarnado no Jece Valadão dos anos 50/60, que o Jece de agora virou *yuppie*.

Por falar em encarnação. Tem gente que desenvolve a tese de que *tudo* não passa de pura questão de *karma*. No caso de Fred Astaire, em especial, pelo inexplicável fato de ele ter nascido Frederick Austerlitz, em Omaha, Nebraska, nesta encarnação, e não um Severino qualquer, em Esperantina, Piauí. Mas como Fred Astaire tinha sangue judeu e, portanto, nem sequer cogitou de professar o bramanismo, não consta que tivesse dado alguma importância particular à chamada Teoria da Transmigração, quer dizer, ao conjunto das ações do homem gerando conseqüências atuantes em seu próprio destino. Como não faz parte da biografia dele qualquer sinal de crença em explicações esotéricas ou espíritas, também não consta que aceitasse a Lei de Causa e Efeito. Mas, bramanismos ou esoterismos fora, ele teve o supremo requinte de não ser parido nos trópicos, podendo se dar ao alto luxo de envergar um *tweed* de pura lã, o paletó algumas polegadas a menos no comprimento dado como correto nos figurinos mais confiáveis, exatamente para ressaltar as calças, o que suas pernas (e pés) desenhavam. Sem se esquecer nunca do cravo na lapela, a cor dependendo sempre do tom dos olhos da *partner*. A isso se chama o quê? Estilo.

E o estilo Astaire incluía, entre outras características, a ausência total e absoluta de protuberâncias, principalmente aquelas situadas no meio do caminho entre os pés e a cabeça. Traduzindo: ele não tinha barriga, vejam só que sofisticação. Porque assim como não pode haver a menor possibilidade de dignidade num corpo suado, não há o menor indício de estilo num corpo abarrigado. Com uma única e honrosa exceção: Orson Welles.

Ademais, para que a vida não se transformasse numa espécie de tragédia inútil — como a da maioria dos mortais —, Fred Astaire bailava. Outro dado importante do seu alto estilo: teve o cuidado de ser infante na já citada cidade de Omaha, onde cidadão algum tem o preconceituoso, portanto subdesenvolvido hábito de achar que menino, mesmo tendo só quatro anos de idade, se tiver aula de dança, é veado. Senta. Pois lá ia ele, fagueiro e saltitante, ter suas aulinhas de passos, junto com a irmã Adele, um ano e meio mais velha. Alguns meses depois, ambos já participavam de uma apresentação pública em Keyport, perto de Nova Iorque, com 17/18 anos e meio estavam na Broadway, com 23/24 e meio partiam para Londres. Na volta, já eram duas estrelinhas, principalmente ela, de quem diziam ter a graça, o fogo sagrado, o talento, tudo. Mas acontece que quase toda mulher — quase — acha melhor e mais seguro um pássaro na mão do que vários voando, daí Adele ter trocado o promissor, porém incerto futuro artístico, por um nobre inglês na mão. No caso, Lorde Cavendish, devidamente acompanhado de uma certidão de casamento. Enfim só, Fred pôde liberar-se. Apesar de já ter 31 anos nas costas, e no resto.

Por pura questão de estilo, começou com Joan Crawford no cinema, em *Dancing Lady*. Veio o segundo filme, o terceiro, o quarto, e assim por diante. Foram 10, só com Ginger Rogers, o mais famoso deles, *Top Hat (O Picolino)*. Haveria algo mais entre Fred e Ginger (além do filme de Fellini)? A resposta parece ser *sim*. Os veadólogos-de-plantão quererão logo saber: "Mas, o cara não dançava?" Tarefa

Foto Gamma

Quatro momentos de Fred Astaire: em *Meias de Seda* (D); com a mulher Robyn (B); dançando com Judy Garland (E); e em 1981, aos 82 anos (foto maior).

Aos 10 anos (embaixo), Fred Astaire já freqüentava aulas de dança com a irmã, que desistiu da carreira para se casar com um nobr inglês. Sozinho, ac 31 anos, Fred conquistou o mundo.

Foto Sygma

árdua, essa de convencer esse pessoal de que nem todos os que dançam, sentam. Não adianta nem vir com uma lista de nomes de bailarinos da Europa Oriental, Bolshoi incluído, que eles repicam com a libélula do filho de Ronald e Nancy Reagan. Pra esses o Jânio é que está com a razão: lugar de veado é em Zoológico, não é no corpo de baile da municipalidade.

Lembremo-nos, todavia, que Fred teve a suprema sabedoria de se fazer à luz acima do equador. Isentou-se de préjulgamentos. A verdade é que Fred Astaire foi colocado em dupla com Ginger Rogers em 1933, mas já se conheciam desde 1930, quando ele coreografou alguns números para ela e, entre um passo e outro, passearam. Uma dupla, aliás, que não estava nos planos de nenhum dos dois, porque Fred queria soltar-se, dançando sozinho, e Ginger porque seu sonho era em forma de papéis dramáticos. Mas tudo mudou na cabeça de ambos, depois dos sucessos milionários — em dólar — dos primeiros filmes, *Voando Para o Rio, Roberta* e *O Picolino,* que inclusive salvaram a RKO da falência fatal.

Consta, isso sim, que o clima não era lá dos melhores entre os dois durante o trabalho. É a velha história de que dois bicudos não se beijam. Mas é exatamente esse dado que torna mais intrigante o resultado: a alta dose de eletricidade e emoção estética que os dois passavam para as platéias embevecidas, olho pregado na tela, coração na mão. Dizem que Fred achava Ginger a rainha da cafonice e que teria dito até, um dia: "Nunca se sabia com que monstruosidade de vestido ela viria para filmar." Falam, ainda, que durante uma cena de *O Picolino* Fred quase levou uns tapas da mãe de Ginger, só por causa de um vestido com penas de avestruz que provocava espirros nele. Com a classe que Deus lhe deu, Fred só se referia a Ginger como "uma personalidade atraente". Sabe-se, porém, que ele preferia mil vezes Rita Hayworth — com quem trabalhou em *Ao Compasso do Amor* e *Bonita Como Nunca* — e Vera Ellen, duas outras de suas muitas parceiras. Segundo ele, Rita poderia ter-se transformado na melhor dançarina do mundo, mas era muito instável; e Vera era tecnicamente perfeita.

Mas como também tinha um certo estilo — apesar dos vestidos —, Ginger deixou de lado todas as arestas que surgiam quando a dupla trabalhava e não poupou elogios a Fred, quando ele morreu, em junho de 87: "Foi um dos indivíduos mais talentosos que tive o prazer de conhecer. Era um perfeccionista, um cavalheiro encantador e com um senso de classe maior do que quase todos os homens. Tenho de respeitar todas essas qualidades e devo dizer que admirava Fred com todo o meu coração. Era um homem mais que perfeito, doce, cheio de compreensão. Sobre os rumores de que tivemos choques e problemas durante nossas filmagens, posso afirmar que apenas discutimos uma vez, por causa de uma roupa minha. Mas acho que nem vale a pena mencionar esse incidente agora."

Classe é classe, gente rica é outro papo. Aliás, rei morto, rei posto. Afinal, Fred tinha morrido e, como se sabe, mesmo em lugares em que a vida humana é respeitada ao extremo, como lá, a morte ameniza muita coisa. Pelo menos as coisas perdoáveis. Ao contrário de outros lugares, onde ladrão vira santo quando morre. Ou herói. Acontece que Fred não era nem uma coisa nem outra, não era nem ladrão, nem santo, nem herói, era um estilo de vida.

Até porque no tempo que lhe coube como artista, ainda valiam qualidades hoje vistas quase como defeitos, deformações, genéticas ou não. Nossa *persona* era, então, doce, e podia-se acreditar que o bem venceria o mal. Quando o amor carnal não era bala-com-papel, e ainda não era risco de vida. Um tempo quando só se conhecia um *crack* em Nova Iorque: o da Bolsa, em 1929. Mas 60 anos depois, o *crack* é outro, já não há mais lugar para cravos nas lapelas e os sapatos de duas cores foram desbancados pela onda da

borracha do tênis, que não serve pra nenhum sapateado. O tempo de Fred Astaire era de desfiles de Páscoa na Quinta Avenida, antes da qualidade de vida nas cidades maiores cair na proporção inversa ao crescimento da marginalidade de todo tipo. Por isso, ele foi intérprete de um *way of life* de final feliz sempre. É que a vida era cheia de finais felizes, apesar de todos os pesares, mesmo nos terceiros mundos. Havia estilo.

Alguém já imaginou Fred Astaire ressuscitado, hoje? Com quem ele dançaria? Pra quem ele dançaria? Quem sabe um produtor mais genial lhe acenasse com uma ponta num filme lúgubre, homoerótico, satírico, de certa forma pretensioso, um *cult-movie* ou uma farsa delirante de Pedro Almodóvar, com o sugestivo título de *Hábitos Sombrios* ou *A Lei do Desejo*, na marquise do cinema? Quem sabe? Coreografado por Louise Lecavalier, do *La La La Human Steps*. Despesas com fraturas, expostas ou não, previstas em contrato, claro. Tudo ao som de Lou Reed e não de Irving Berlin, George Gershwin ou Cole Porter. Sem ninguém levar em conta e consideração de que, com Fred Astaire, a dança no cinema passou a ser uma entidade formal distinta.

Era um mágico que tirava da cartola *(top hat)* um número limitado de soluções coreográficas, mas cada uma com seu próprio vocabulário de movimentos. Gene Kelly — o único no gênero, comparado a Astaire — disse tudo: "Meu estilo é plebeu; o dele é aristocrático." Não é à toa que Fred, em entrevista, confessou suas preferências: sopa de beterraba, botões de rubi enfeitando as camisas nos trajes de gala e cavalos de raça. Isso é estilo. Tanto estilo que seu primeiro casamento — foram só dois — foi com uma figura da alta burguesia da sofisticada Boston: Phyllis Potter. Viveram felizes, num dos casamentos mais inusitados de Hollywood, durante 21 anos, até a morte dela. Isso também é estilo.

Foram muitas as mulheres de sua vida, profissional. Joan Crawford, Ginger Rogers, Rita Hayworth, Eleanor Powell, Paulette Godard, Judy Garland, Ann Miller, Vera Ellen, Betty Grable, Leslie Caron, Cyd Charisse, Audrey Hepburn, etcétera. Envolvimentos apenas artísticos, nada de dançar fora do compasso. Afinal, isso não é elegante. E ele era um elegante de dar inveja a *gentleman* londrino. Até porque suas camisas levavam sempre a etiqueta Hawes & Curtis, um fornecedor do Príncipe de Gales. Ou então as encomendava a Beale & Inman ou Turnbull & Asser. Os paletós eram sempre produtos das melhores tesouras, de preferência Anderson & Sheppard, de Savile Row. Em matéria de vestimenta, fora de Londres, a única concessão era para o Carrol's, de Beverly Hills. E quem é que disse que gravata é pra se usar no pescoço? Fred as usava também como cinto. Mas só em calças de vicunha cinza-chumbo e quando o paletó era superesporte, com botões forrados de couro (o da ponta das mangas sempre desabotoado), um bolsinho em cima do bolso do lado direito e duas aberturas laterais bem longas. E dizia, a quem interessar pudesse, que a idéia da gravata — sempre de *foulards* — como cinto, tinha adaptado de Douglas Fairbanks, *senior*, não *junior*. Uma bossa de dar água na boca de Cary Grant, Gary Cooper e James Stewart. Juntos.

"Você sabe que o roxo é uma cor muito irlandesa?" Só alguém muito cheio de estilo faz uma pergunta dessas. E Fred Astaire fazia. "Posso pensar em poucas coisas, além de pensar num trabalho bem feito e tentar fazê-lo." Só alguém muito cheio de estilo é que faz uma afirmação dessas, impunemente.

Fred não almoçava, nunca (um belo *breakfast* de manhã e um jantar frugal à noite bastavam). Mantinha assim intacta aquela figura esguia de matar de inveja os escravos da balança e dos regimes. E ainda no campo culinário esbanjava estilo, tanto que tinha a inédita audácia de detestar a cozinha francesa — *escargots* à parte —, quase tanto quanto os *hamburguers* e outros pitéus da culinária norte-americana.

Fred não dançava, no cinema, desde 1968, e seu último *special* para a tevê foi feito em 1969. A partir de então nunca mais apareceu dançando, em público, a não ser em reexibições. Encerrou a carreira dignamente em meia dúzia de filmes dramáticos não musicais, nos quais não tinha de se preocupar com longos ensaios, com palcos, com parcerias, com coreografias.

Dizia: "Já fiz o que podia, como dançarino. Não vivo do passado, não sou nostálgico. Gostei de ver *That's Entertainement* porque revi pessoas com quem trabalhara. Não gosto de falar de mim mesmo, nem gosto de me ver dançar; comecei tudo no palco dos teatros e não me via, quando um número acabava a gente esquecia e partia para o seguinte. Na verdade, nunca olhei para trás em minha vida."

Estilo Astaire é isso tudo.

Foto Gemma

De gravata em cor "muito irlandesa", ou na tradicional borboleta, o mestre do estilo jamais perdeu a elegância, nem mesmo nos seus últimos anos.

Foto Sygma

WOODSTOCK

-20 ANOS

Por ROBERTO MUGGIATI

O dia em que o homem pisou na terra

Aconteceu um mês depois da descida do homem na Lua. Meio milhão de jovens se amontoavam para ver o maior *show* de *rock* de todos os tempos. Mas, em Woodstock, o grande *show* foi o público. O resto é História.

W H A A A M M M M M M - - - - - - -
B u u u m m m m - - - - -
SSHHHHHLAMMMM------RAT-AT-TAT-TAT-TAT-----BUUUUMMMMM!
São bombas explodindo, granadas e *napalm*, rajadas de metralhadoras em meio ao silvo dos jatos e ronco dos helicópteros. O Vietnã está distante, a milhares de quilômetros, mas se instalou também ali, nas suaves — agora arrasadas — colinas de Woodstock, vibrando no toque demencial da guitarra de Jimi Hendrix que estraçalha o hino nacional americano, *Star-Spangled Banner*, num uivo irado, uma tempestade de som e fúria contra a guerra (e tão violenta como ela), acordando assustados, já manhã de segunda-feira, os 30 mil jovens que se deixaram ficar para os momentos finais daqueles "três dias de paz e música". Um acontecimento que marcou toda uma geração.

Ironicamente, tudo começou como um sonho capitalista. Seis meses antes do festival, quatro garotos — dois cheios de idéias e dois cheios de dinheiro — resolveram ficar famosos e/ou milionários promovendo um grande concerto de *rock* ao ar livre, durante um fim de semana de verão. Pré-yuppies em plena era *hippie*, Joel Rosenman e John Roberts eram universitários e jogavam na Bolsa. Roberts tinha uma imensa herança à sua espera, a ser liberada em três parcelas: quando completasse 25, 30 e 35 anos. Joel freqüentara Princeton, formara-se em Direito, mas tinha a tara secreta de cantar em cabarés e, com Roberts, havia montado em Manhattan um grande estúdio de gravações chamado Media Sound. Desnecessário dizer que as respectivas famílias, ambas de origem judaica mais ou menos ortodoxa, encaravam com grande desconfiança — senão temor — as investidas dos dois rapazes no mundo dos negócios.

Mas a tragédia só começaria pra valer no dia 6 de fevereiro de 1969, quando John e Joel se encontraram com Mike Lang e Artie Kornfeld, para discutir um vago projeto. Mike e Artie, promotores de *rock* e uniformizados como tal — cabelões, jaquetas de couro, *jeans* poídos, botas de *cowboy* e colares de contas — entre outras atividades empresavam um

grupo de *rock* ácido chamado Diesel, uma jamanta que nunca chegou a engrenar. O que eles queriam era que Joel e John contribuíssem com o seu *know-how* (ou dinheiro) para a construção de um estúdio na área rural de Woodstock, onde vários roqueiros haviam se refugiado, escapando das grandes cidades. Joel e John só se mostraram interessados quando Artie mencionou uma *press party*, uma festa para os rapazes da imprensa a fim de badalar o projeto. Nada de muito ambicioso, apenas um concerto de *rock* para umas quatro ou cinco mil pessoas. A partir daí, os rapazes começaram a delirar e surgiu a idéia de um concerto de *rock* em dois dias, para platéias de 50 mil pessoas cada dia.

Havia um precedente: no verão de 1967, o ano do *flower power*, o modesto Festival de Monterey, previsto para um público de 5 mil, acabou atraindo 50 mil pessoas. Assim nasceu a Feira de Música e Arte de Woodstock, descrita oficialmente como "três dias de paz e música" (depois, a lenda transformaria o *slogan* em "paz e amor") com direito ao logotipo da pomba pousada sobre uma guitarra. O anedotário do *rock* é rico em histórias como a frase de tia Mimi para John Lennon: "John, tudo bem que se distraía com sua guitarra, mas você nunca irá ganhar a vida tocando este instrumento..." A anedota clássica de Woodstock saiu do traumático jantar de família em que John Roberts expôs o seu projeto, justificando-se: "Mesmo que a gente só consiga um público de 50 mil pessoas, teremos o nosso dinheiro de volta." Ao que o pai respondeu, balançando tristemente a cabeça: "Vocês terão muita sorte se cem pessoas aparecerem..." Mal sabiam todos que apareceriam, saídas ninguém sabe de onde, 500 mil — meio milhão de pessoas.

À medida que se aproximavam as datas do evento (15, 16 e 17 de agosto), as dificuldades iam se avolumando. Sempre raciocinando na previsão de um público de 100 mil pessoas, a Woodstock Ventures — uma corporação novaiorquina devidamente cadastrada e com capital de 500 mil dólares — começava a investir furiosamente em negócios sem nenhum retorno garantido. Divulgação, promoção, venda de ingressos, provisão e comercialização de alimentos, instalações sanitárias, segurança, atendimento médico-hospitalar — os problemas surgiam sempre, mais rapidamente do que as soluções. Mas o maior drama de todos foi o veto da administração da cidade de Wallkill à realização do concerto naquela área, apenas um mês antes da data dos concertos. Foi quando caiu do céu um fazendeiro chamado Max Yasgur, dono de um imenso pasto nas proximidades do condado de Sullivan. Contam John e Joel em seu livro sobre Woodstock, *Young Men With Unlimited Capital:*

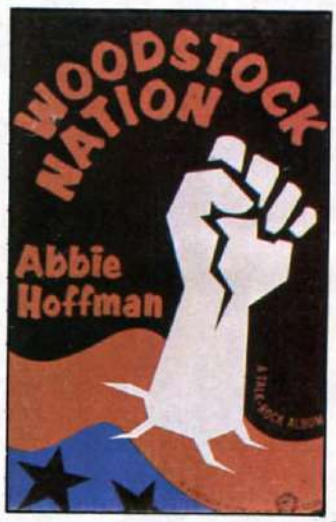
"Max vinha acompanhando os acontecimentos de Wallkill com uma certa apreensão. Um sujeito antiquado, ele achava que não se devia odiar as pessoas só por-

que eram diferentes. Ele acreditava que até as criaturas mais inferiores que Deus pusera no mundo (os hippies*) deviam ter os mesmos direitos que os não-gentios. Ele acreditava na Constituição americana e no direito da livre reunião. Ele acreditava que Wallkill nos havia feito uma injustiça. E também acreditava em dinheiro."*

E assim, por 50 mil dólares de aluguel pelo fim-de-semana, mais 75 mil dólares como indenização por eventuais prejuízos, Woodstock encontrou sua terra da promissão. Melhor do que pagar 500 mil dólares na devolução de ingressos. Num anúncio divulgado nacionalmente, os responsáveis pela Woodstock Ventures comunicavam a mudança e exaltavam o novo local:

"É duas vezes maior que o anterior. (Quem sabe, talvez a população de Wallkill nos tenha feito um favor?) Representa o dobro de árvores. E o dobro de erva (sic). E o dobro de terra para explorar e passear."

Ironicamente, a música — a matéria-prima de Woodstock — foi o investimento mais barato do festival: o item conhecido como *talent* no jargão do *showbiz* custou apenas 250 mil dólares, cerca de 7% do total dos 3.400.000 dólares que a Woodstock Ventures afundou no evento. Dos peso-pesados do *rock*, apenas Jimi Hendrix compareceu. Janis Joplin não foi flagrada nem nos álbuns oficiais nem no filme, onde é apenas vista rapidamente caminhando entre o público. Os Beatles, os Rolling Stones e Bob Dylan, cogitados inicialmente, pediram cachês astronômicos. Os Beatles, aliás, não se apresentavam juntos desde 1966 e estavam se separando naquele exato momento: sintomaticamente, John Lennon comparecia com Yoko Ono, em setembro de 1969, num festival menor em Toronto, Canadá — o Rock'n'roll Revival Concert, que sairia em disco como Plastic Ono Band *Live Peace in Toronto 1969*. Neste mesmo setembro, Bob Dylan — um dos primeiros roqueiros a se refugiar na região de Woodstock — saía do isolamento em que se mantinha desde o acidente de motocicleta de 1966 e se tornava a grande estrela do Festival da Ilha de Wight, um Woodstock britânico que atraiu mais de 250 mil pessoas. E os Stones, que virtualmente haviam começado toda esta onda com um concerto em homenagem a Brian Jones reunindo 250 mil pessoas no Hyde Park de Londres, um mês antes de Woodstock, selavam o fim da Era dos Megafestivais com o seu festival de Altamont, num autódromo no deserto da Califórnia. Ao contrário de Woodstock, a apresentação de Mick Jagger & Cia. estava carregada de péssimo astral; resultou em muita violência e quatro mortos, uma delas a de um jovem negro apunhalado por um Hell's Angell's (os Hell faziam o serviço de segurança) diante das câmaras que rodavam o filme *Gimme Shelter*. Não foi preciso esperar a solene declaração de Lennon em 1970: "O sonho acabou."



Peças históricas: o livro de Abbie Hoffman, o anúncio da mudança de local e os ingressos famosos do festival que marcou toda uma geração.

Woodstock marcou um momento mágico na história da contracultura e, felizmente, sua memória ficou registrada em dois álbuns (um triplo e um duplo) e no filme de Michael Wadleigh, que ganhou o Oscar de melhor documentário em 1970. Com suas imagens multifacetadas e seu som estereofônico, *Woodstock* foi concebido para a tela grande e perde muito quando passado para o vídeo. Capturou, como poucos filmes, a atmosfera de festa nesta reunião das novas tribos da América. Durante mais de três dias, ocorreram em Woodstock três mortes e três nascimentos, o ciclo normal da vida numa cidade com meio milhão de habitantes. Quem resumiu, melhor do que ninguém, o espírito da coisa foi Max Yasgur, o homem que cedeu suas terras para o festival. Falando ao público durante um dos intervalos, ele disse:

"Sou um fazendeiro. Não sei falar diante de 20 ou 25 pessoas, menos ainda diante de uma multidão destas. Este é o maior grupo de pessoas jamais reunido num único local. Mas eu acho que vocês provaram uma coisa: que meio milhão de jovens são capazes de se reunir para três dias de diversão e música e de fazer apenas isto: se divertir e ouvir música. Sou grato a vocês por isto."

Bem diferente foi a reação dos mídia — pelo menos inicialmente. A aparência caótica da região, assaltada por vagas de som e por seres que pareciam vir de outro planeta, os engarrafamentos monumentais na saída do festival — tudo isso levou os jornais a uma visão negativa. O *New York Times* — a voz da consciência americana — já na segunda-feira, 18 de agosto, dava a manchete alarmista *PESADELO NOS CATSKILLS* e comentava escandalizado em editorial: *"Que tipo de cultura é esta, capaz de produzir uma confusão tão colossal? Os sonhos de marijuana e* rock *que atraíram 500 mil fãs e* hippies *à região dos Catskills tinham pouco mais sanidade do que os impulsos que levam os lemingues (pequenos roedores das regiões árticas) a caminharem para a morte no mar. Eles terminaram num pesadelo de lama e estagnação que paralisou o condado de Sullivan durante todo um fim de semana (...) Certamente os pais, os professores e sem dúvida os adultos que ajudaram a criar a sociedade contra a qual estes jovens se rebelam tão freneticamente devem assumir uma parcela de responsabilidade por este ultrajante episódio."* No dia seguinte, o *New York Times* voltava atrás em sua posição num editorial intitulado *A Manhã Seguinte em Bethel,*

exaltando Woodstock como "um fenômeno essencialmente de inocência." E os *writers* da revista *Time*, de cabeça mais fria, analisavam o acontecimento uma semana depois no ensaio *A Mensagem do Maior Happening da História.*

Pergunte hoje a qualquer jovem o que é Woodstock e ele fatalmente responderá: "Qual é? Não sabe? É o passarinho amigo do Snoopy..." Poucos lembram que, em agosto de 1969, os jovens da América acreditavam piamente que estavam a caminho de tomar o poder e formar uma nação de Woodstock, um país com território, legislação e economia próprios. O ideólogo deste delírio supremo foi Abbie Hoffman — ele morreu há pouco, de overdose, antes de soprar as 20 velinhas de Woodstock —, um *yippie* — integrante do Youth International Party (YIP). Poucos dias depois, Hoffman, com todas as mordomias, se instalava no chão atapetado de uma grande editora de Nova Iorque — eram dias em que o *show* e o *business* coexistiam pacificamente — e desovava *Woodstock Nation*, "dopado de adrenalina, emoção, sono atrasado, música de *rock* e fumo." O livro vendeu como banana. Para livrar a cara, Hoffman mandou imprimir na contracapa *Steal This Book = Roube Este Livro.* Muita gente o levou a sério, como o (então) líder estudantil Tom Hayden (hoje ex-Sr. Jane Fonda):

Abbie é um pioneiro nesta luta, mas até agora sua nação de Woodstock não passa de uma coisa cultural, um estado mental partilhado por milhares de jovens. O estágio seguinte será transformar esta Nação de Woodstock numa realidade organizada, com suas próprias instituições revolucionárias e, já a partir de agora, com raízes em seu próprio território."

Para John Roberts e Joel Rosenman, os dois que pagaram (caro) pela brincadeira, Woodstock foi menos um sonho do que um pesadelo. Preso no engarrafamento de 32 quilômetros, na madrugada de domingo para segunda, eles lutavam para chegar a Nova Iorque antes da abertura dos bancos, onde os esperava um autêntico apocalipse financeiro. Apesar do comparecimento de meio milhão, a maior parte do público entrou de graça, depois que os portões foram derrubados. Anos depois, ao descrever em livro suas experiências, viam a coisa toda com mais distanciamento. No final das contas, o prejuízo — ou lucro, nem sabiam ao certo — não passara de 100 mil dólares. John Roberts chegou a esta síntese:

"Woodstock, o evento, foi uma coincidência. O que aconteceu foi que nossa concepção de paz, música e remotas paisagens rurais tocava num ponto bastante sensível da juventude americana. Tendências muito poderosas convergiram para gerar um público-monstro e mantê-lo pacífico e feliz. A primeira tendência era o sentido de comunidade que os jovens vinham desenvolvendo. A segunda era musical, a elevação das estrelas de rock *ao* status *de semideuses. Com a música, os garotos podiam satisfazer suas fantasias de sucesso, conquista sexual e aprovação maciça. Em Woodstock, por exemplo, os intérpretes e a multidão eram uma coisa só. A terceira tendência estava em crise. Nós anunciamos uma comunidade da juventude. Por alguns dólares — se você estava entre os que compraram ingressos — você ganhava um lugar para viver entre gente irmã, longe das chateações da rotina, especialmente da família. Era uma atração irresistível: um mundo sem adultos ou autoridade onde ninguém tinha de crescer. A multidão queria que a idéia funcionasse. Funcionando, era real. Havia algo a ser provado ao* Establishment. *A Geração estava em julgamento e seria julgada inocente e levada a sério."*

Parece que John e Joel levaram a brincadeira a sério. Detentores da "marca" Woodstock, eles já começaram a desencadear uma verdadeira *blitz* promocional em torno de um pacote de comemorações dos 20 anos do festival. Mas nada de muito nostálgico. O antigo local foi descartado. A idéia agora é de um festival-turnê, algo do tipo *Live Aid/Amnesty International.* Um Woodstock itinerante que poderia até passar pelo Brasil. A publicidade não ficou de fora do lance. A Warner americana — detentora dos discos e do filme *Woodstock* — está produzindo *clips* para a TV, os *Woodstock Moments*, cerca de uma centena de melhores momentos do festival, a serem veiculados entre 1º de maio e 31 de agosto, ao preço de cinco milhões de dólares cada *clip* para o patrocinador que quiser vincular o seu nome ao do mítico festival. Enfim, 1989 assistirá a uma versão *soft* do mito Woodstock. Hoje, mais do que nunca, o sonho não acabou. Principalmente quando rende bons dividendos...

ARQUEOLOGIA POP: UM MERGULHO NO CORAÇÃO DA PSICODÉLIA

Foi uma descoberta arqueológica, quase como a abertura da tumba de um faraó do antigo Egito. Um jovem fotógrafo francês à procura de moradia abriu por acaso a porta do apartamento de Sean Flynn, que permanecera fechado nos últimos 20 anos. Filho do ator Errol Flynn, Sean vivia em Paris mas viajava a maior parte do tempo como correspondente de guerra, principalmente no Vietnã, colaborando para revistas famosas como o *Paris-Match*. Em 1969, ele saiu de Saigon em sua moto para fazer reportagens numa região perigosa e nunca mais foi visto. Sean lembrava um pouco o jornalista aventureiro de *Viver a Vida por Viver*, interpretado por Yves Montand no filme que Claude Lelouch fez em 1967. Mas, ao contrário do personagem quarentão de Montand, Sean Flynn era jovem e ligadíssimo nas coisas de sua época. Entrar no seu apartamento — mantido intacto ao longo das duas últimas décadas — é como fazer uma viagem ao centro da Psicodélia, à Nação de Woodstock, ao universo do *flower power*. Fotos de Ho Chi Minh e de Che Guevara coabitam pacificamente com fotos de Jimi Hendrix e Janis Joplin, entre coloridos *posters* da "escola" de San Francisco (você sabia que um Rick Griffin vale hoje 50 mil dólares?). Troféus de caça (outra paixão de Sean) disputam o espaço com panos e lampadários orientais e o guarda-roupa abriga uma coleção de gravatas psicodélicas que merecia estar num museu. Quem sabe toda esta *memorabilia* psicodélica não acabará um dia leiloada em grande estilo num Sotheby's ou Christie's da vida?

O quarto de Sean Flynn em Paris, revelado exatamente como era há 20 anos, no auge do psicodelismo. Peças de antiquário de um passado recente que parece tão remoto como a Idade Média ou o Egito dos Faraós.

Foto Vic Parisi

ATRAÇÕES DA VÍDEO TRADE

Entre as atrações da *II Vídeo Trade Show*, uma sósia brasileira da *honorabile deputata* Cicciolina e o estande da Hunter Vídeo, sob a direção comercial de Kufa.

SERVIÇO

GRAVE EM VIDEOFITAS AS IMAGENS DO SEU MICRO

Como integrar a imagem de um microcomputador ao videocassete ou televisor? ELE ELA esclarece a viagem das cores entre esses aparelhos de naturezas distintas e avalia um equipamento de ligação lançado no mercado.

Os micros possuem uma placa de saída chamada *color graph*, por onde os sinais de imagem são enviados ao monitor. A placa trabalha no sistema *RGB digital*. Esta sigla designa as três cores fundamentais geradas quando um prisma é atravessado pela luz solar: vermelho, verde e azul. A partir delas, qualquer outra cor pode ser obtida.

Se você chegar bem perto da tela de sua TV, irá perceber que ela é toda dividida em pontinhos. Cada qual é pintado com partículas de fósforo vermelho, verde e azul e, dependendo das intensidades elétricas bombardeadas sobre eles, o resultado é diferente.

Foto Aurélio Rodrigues

Um problema, porém, acontece: o *RGB digital* não é compatível com o *sistema analógico* da televisão e vídeo. E aí?

Aí que um *encoder* (codificador) pode fazer a tradução necessária entre o *color graph* e o *video in*. Este equipamento é vendido exclusivamente em um dos dois sistemas de cores (NTSC ou PAL-M) e por isso é necessário que você defina o padrão que vai utilizar, de acordo com o seu vídeo e objetivo.

A empresa Pansom Eletrônica, de São Paulo, forneceu um *encoder* para ser submetido ao nosso ensaio técnico, realizado pelo engenheiro eletrônico Raimar Eduardo Ewert. De modo geral, o aparelho funcionou de acordo com as especificações do fabricante. Um detalhe, no entanto: em oitenta colunas de tela de vídeo, por exemplo, a leitura do texto se torna confusa. Isto porque o conjunto vídeo/TV conta com resolução reduzida, cerca de 220 linhas.

A leitura dos gráficos gerados por computador, assim como de letras maiores, não apresentou dificuldades.

O transporte do conteúdo de um programa para a fita de vídeo pode ser muito útil, por exemplo, para consultas do material em locais onde não haja micros. Seu sítio, por exemplo.

Maiores informações sobre o *encoder* da Pansom podem ser obtidas pelo telefone (011) 228-2598, São Paulo.

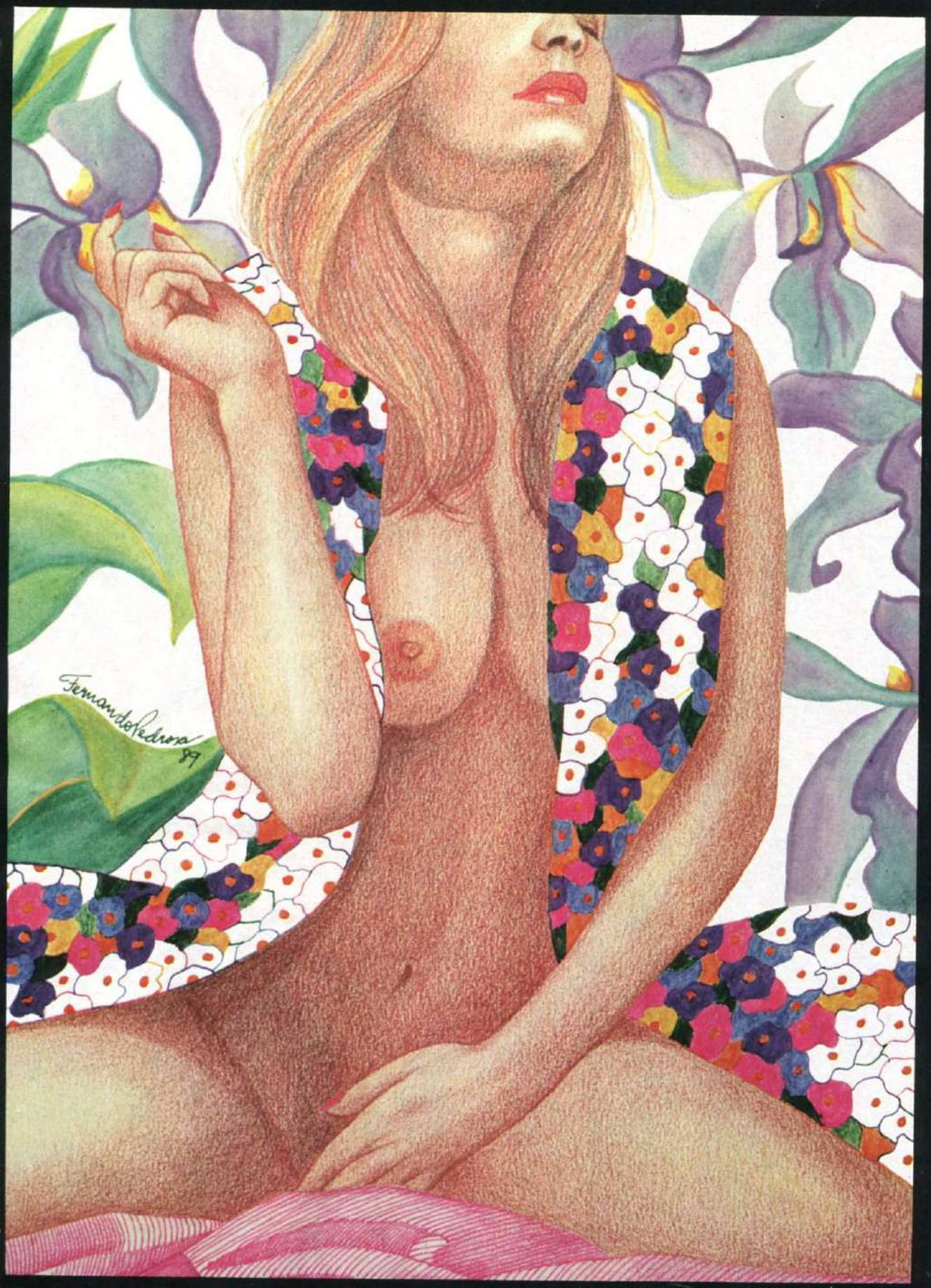


Ilustração de Fernando Pedrosa

SEXO

MASTURBAÇÃO:

O SEXERCÍCIO DO PRAZER

Por HENRIQUE KOIFMAN

Apesar de já ter transposto as fronteiras recônditas e abrigadas dos banheiros há muito tempo, a masturbação ainda é um assunto meio incômodo e que deixa sem jeito grande parte das pessoas. Se, por um lado, todos aqueles estigmas da moral medieval religiosa — que ameaçavam os *solistas do sexo* com cegueira, espinhas, loucura ou pêlos na palma das mãos — viraram piada; por outro, a revolução sexual os colocou em um plano inferior, o dos desenturmados, grilados e solitários. Agora, nos últimos suspiros da década de 80, quando a AIDS reduz a liberdade para a escolha de novos parceiros, essa forma completamente segura de prazer ganhou um *status* mais alto na escala erótica. O que a grande maioria fazia escondido ou sem confessar começa a se tornar um componente importante do *pot-pourri* do sexo.

"Masturbar — (o latim *masturbare*) Provocar o orgasmo pela fricção da mão ou por meio de instrumento adequado; onanizar-se." (Aurélio). As formas de se encontrar prazer sozinho são muitas. Comprovadamente, nas classes média e alta das sociedades ocidentais contemporâneas, a maioria absoluta dos adolescentes se masturba. Para descobrir essa faceta do organismo, não se precisa de instruções. O próprio instinto humano, ligado à curiosidade e à criatividade, se encarrega de tudo. Existe uma época mais ou menos certa para se começar esses solos sexuais — por volta dos 11 anos, no início da puberdade —, mas não há limite de idade para abandoná-los por completo. O mais comum é que as pessoas, ao se tornarem adultas, casando ou passando a ter um parceiro fixo e constante, diminuam ou deixem de lado a masturbação. Isso, no entanto, não é uma regra. Muitos continuam a exercitar seu prazer sozinhos, além das transas com parceiros. Vários casais costumam entremear seu repertório erótico com criativas manipulações a dois. Outros preferem observar e ser observados em suas fantasias particulares. Na verdade, são inúmeras as possibilidades, basta ter tesão e imaginação. Para ilustrar esta idéia, ouvimos algumas pessoas. A primeira reação a uma pergunta do tipo "como você faz para se masturbar?" é um riso amarelo, nervoso. Com um pouco de papo, afastado do *choque* inicial, o normal é que todos comecem a falar da adolescência, de suas primeiras experiências. Só depois desse quebra-gelo, é que conseguimos os relatos que se seguem.

Karina, uma estudante de arquitetura de 21 anos, acha excitante ser observada enquanto está se acariciando em busca do orgasmo. "Quando estou com um namorado, gosto primeiro de me transar, na frente dele, para depois fazermos juntos. Funciona como uma *entrada* para o prato principal. Mas não gosto de comparar um ato com o outro. São duas coisas que se completam." Ela descobriu que gostava de uma platéia particular quando ainda estava no 2º Grau. "Chegava do colégio, me trancava no quarto e ligava a TV. Aí me masturbava. Meu grande barato era fazer isso enquanto os locutores apresentavam o jornal da tarde. Um dia, trouxe um amigo para estudar comigo, e, depois de algum papo, descobri que ele gostava da mesma coisa. Passamos a ser um o espectador do outro. Levou uns três meses até que nos tocássemos. Mesmo assim, nunca transamos. Hoje, eu transo mais acompanhada do que sozinha. Mas, quando dá aquela vontade, eu ligo a TV e me solto."

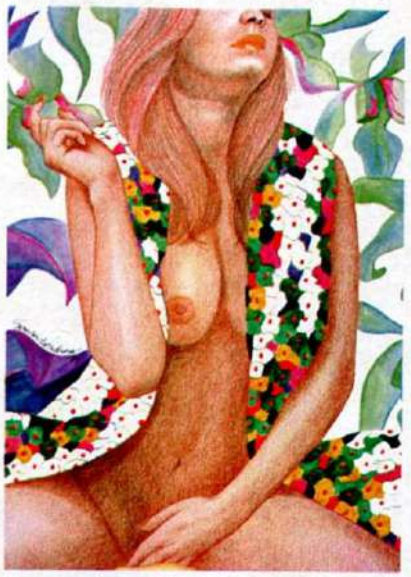
Luiz, 25, jornalista, acha que ainda existe muito terrorismo em cima da masturbação. "Eu me lembro de ter lido, há pouco tempo, um artigo que dizia que, até os 18 anos, a masturbação é uma coisa normal mas, depois disso, acarreta uma série de *efeitos colaterais*, do tipo agressividade, introspecção etc. É incrível que ainda se tenha esse tipo de mentalidade. Quando eu era adolescente, tanto em casa quanto na escola, a marcação era cerrada, uma repressão só. Mesmo assim, como a maioria dos caras da minha geração, eu tinha as minhas musas de banheiro, como a chacrete Índia Potira, a Neide Aparecida, a lourinha da série *Perdidos no Espaço* e a garota mais burrinha do desenho animado *Josie and the Pussy Cats*. Hoje em dia, tenho uma namorada e prefiro transar com ela a me virar sozinho. Mesmo assim, se acordo em casa de manhã, sem ninguém e com aquele tesão, não vejo motivo para não me masturbar. O grande mérito do *solo* é o autoconhecimento, a auto-exploração. Você passa a conhecer melhor os seus limites e possibilidades. Tem gente que diz que serve até

para melhorar o desempenho, como uma espécie de ginástica. Não creio que isso tenha algum fundamento, mas, de qualquer jeito, o importante é o prazer."

Sônia, 26 anos, vendedora de uma butique, usa o sexo solitário para se desligar do mundo. "Sou do signo de Aquário e sempre tive uma ótima relação com a água. A primeira vez em que gozei, estava me lavando no bidê de casa. Eu tinha 13 anos, e tinha chegado da praia. Quando a água fria me tocou, comecei a sentir uma coisa gostosa. Quase desmaiei de prazer. Com o tempo, aprendi a controlar a minha sensibilidade e tirar o máximo dela. Tem gente que cria fantasias eróticas, sonha com galãs de cinema ou caras que conhece quando está se transando. Eu, não. Minhas fantasias eu realizo quando estou com mais alguém. No banheiro, quando uso uma ducha de mão para me massagear, relaxo, me isolo completamente de tudo. Fico sentada no boxe do chuveiro por uma meia hora. Às vezes, gozo mais de uma vez. Mas não penso em mais nada a não ser a própria sensação. Depois do banho, mesmo que tenha trabalhado de pé, o dia inteiro, estou calma e relaxada, nova em folha."

Cláudio, 26 anos, músico, humorista e jornalista informal, se diz um punheteiro assumido. "A primeira vez, eu tinha uns 11 ou 12 anos. Comprei uma revistinha de horror, dessas de vampiro, com vários desenhos de mulheres nuas. A partir daí, comecei a eleger as minhas musas. Jeanie — a que é um gênio —, a lourinha do *Terra dos Gigantes* (um seriado de TV), a Elisângela, no tempo, que era grumete do Capitão Furacão, e algumas outras. Meu irmão adorava *homenagear* a Penélope Charmosa do desenho *Corrida Maluca*. Durante a adolescência, fui colecionando muitas musas. As maneiras de fazer a coisa eram muitas. A mais clássica era sentar em cima da mão, por uns dez minutos, até que ficasse dormente. Aí, quando me masturbava, podia fingir que outra pessoa me masturbava. Um amigo meu, perfeccionista, chegava mesmo a pintar as unhas da mão com esmalte rosa. Um outro, deitava na banheira cheia de água e espuma e só deixava o membro fora dágua. Então, colocava o seu ratinho branco de estimação para passear na *ilha*, até que gozava. Piraçõs à parte, eu tenho até hoje uma das maiores coleções de revistas pornográficas e masculinas de que se tem notícia, um verdadeiro banco de dados para a inspiração. Só que, há tempos, tenho uma parceira fixa e ela não me deixa muito tempo livre para essas coisas."

Selma é uma profissional do sexo, com 27 anos. "Pelo menos um terço dos meus clientes prefere algum tipo de transa com masturbação a trepar normalmente. No começo, eu achava isso meio estranho.



Como muitas colegas, pensava que isso era até desonesto, ganhava o dinheiro sem fazer o trabalho completo. Com o tempo, passei a respeitar e a entender esses homens. Quem pensa que, para se masturbar só existe uma maneira, tem muito o que aprender. Para dizer a verdade, acho que os homens que me pagam, para participar — assistindo, incentivando com gritos ou com meu corpo ou tocando neles — de suas fantasias desse tipo, têm muito mais imaginação que a maioria. Quando banco a colega de turma, a vizinha ou uma amiga, assistindo, um homem se masturbar, estou ajudando a realizar um desejo antigo, alguma coisa que para ele era uma fantasia muito estimulante, mas que nunca pôde viver antes. Para admitir esse tipo de desejo, assumir esse tipo de comportamento, esses homens têm que ter muita coragem e um tesão muito forte dentro deles. Não vejo nenhum tipo de aberração ou perversidade nisso. É apenas um lado que todos nós temos, mas que só alguns têm coragem de mostrar. Eu trabalho com isso e me sinto privilegiada, eleita por eles, e, ainda assim, muito bem paga para isso."

Haroldo é analista de sistemas e tem 29 anos. "Uso a masturbação para *transar* com mulheres que não posso ter, imaginar situações que gostaria de viver. Minha vida sexual é plena. Não diria que sou um atleta, mas minhas parceiras estão sempre dispostas a um programinha comigo. Gosto de levá-las ao gozo com as mãos, sussurrando coisas no ouvido, e só depois trepar com elas. Isso me faz lembrar as primeiras transas que tive, quando era garoto, no ginásio. Eu me escondia na garagem com as meninas, depois das aulas, e nos masturbávamos juntos. Isso, aliás, é uma grande fonte de inspiração, de fantasia, quando estou sozinho. Outra musa constante que tenho é uma ex-professora de alemão, de um curso que fiz há dois anos. Ela era loura, alta e esguia. Usava uns vestidos indianos, desses transparentes. Bem que eu tentei, mas ela nunca quis papo comigo. Pelo menos nas minhas fantasias, eu a tenho quando quero."

Ângela, 22 anos, é acadêmica de medicina. "Antes de mais nada, gostaria de dizer que não existe na literatura médica moderna nenhuma contra-indicação para a masturbação, assim como não existe para o sexo, de um modo geral. Pessoalmente, eu curto muito o meu corpo, e uma das formas que tenho para desfrutá-lo é me masturbando. Não que coloque isso como a coisa mais importante da minha vida ou algo assim. Mas, da mesma maneira que certos homens me deixam excitada, a visão do meu corpo nu, no espelho do meu quarto, me enche de tesão. Eu gosto de fazer exercícios de alongamento, bem suaves, sempre olhando para a minha imagem refletida. Vou ficando elétrica. Então, começo a me massagear, até liberar toda a energia."

"Embora realmente não exista nenhuma contra-indicação para a masturbação, no que se refira à freqüência ou idade com que é praticada, a maneira de se auto-induzir ao orgasmo pode provocar alguns problemas", alerta o Dr. Michael Brentanno, urologista e sexólogo inglês. "Alguns homens usam tanto vigor, tanta força, para se masturbar, que acabam ficando insensíveis, incapazes de sentir prazer quando se relacionam, com uma mulher. Nenhuma vagina no mundo poderia competir, em pé de igualdade, com a força e a velocidade da mão de um homem. É comum o caso do paciente que, apesar de sentir-se bastante atraído por sua parceira e, efetivamente, manter relações com ela, não conseguir atingir o clímax com ela. Para esses, o tratamento normal é uma série de exercícios de ressensibilização. Deve-se ir diminuindo a força, aos poucos. Usar uma camisinha-de-vênus, na hora de se masturbar, ajuda a diminuir o atrito e, a longo prazo, contribui para a recuperação dos padrões normais de sensibilidade. A idéia básica é bem simples: ir diminuindo a força e a velocidade da masturbação, cronometrando os tempos até a ejaculação. Nas primeiras vezes, o paciente pode nem mesmo chegar ao orgasmo. Mas, aos poucos, o resultado começa a aparecer. A ajuda da parceira pode tornar o tratamento mais agradável."

Qualquer que seja a motivação, o meio, o objetivo é sempre o mesmo. Se fôssemos ouvir mil pessoas, provavelmente, teríamos mil caminhos diferentes, que, trilhados solitariamente por elas, levam ao mesmo lugar, ao templo do prazer, que todos nós trazemos sempre conosco.

Foto: Eric Robert — Sygma

O RENOVADO CRAZY HORSE

"Deus Salve Nossas Rainhas." Parodiando o hino britânico, dezenas de lindas garotas, *fantasiadas* de guardas do Palácio de Buckingham, fazem o quadro de encerramento do novo *show* do Crazy Horse Saloon, o celebérrimo cabaré parisiense. Mantendo a tradição de *charm* e beleza, esta casa, surgida no começo dos anos dourados da década de 50, agora reabriu toda renovada, com um espetáculo bem mais erótico. Pela foto, logo se vê: as dançarinas vestem apenas o chapéu, a gola, o cinto, as ligas e o acessório branco que a cada movimento faz vibrar a platéia.

LOS ANGELES, SAMPA E ILHA PORCHAT

Num triângulo de sucesso, gente *vip* e simpática: a jovem maneca Jane Villar (ao alto, esq.), que está de casamento marcado com o gaúcho Norberto Gehr, empresário em Los Angeles; Ivanisa Casais (dir.,), sucesso no Ilha Porchat Clube; e Moacir Galo (gerente de Promoções da Souza Cruz) e Monique Gardenberg, do Carlton Dance.

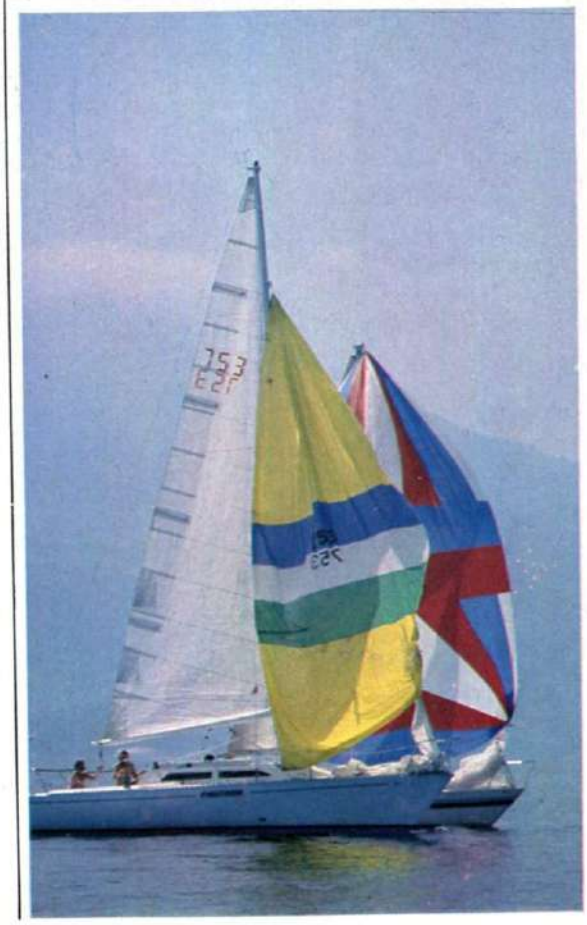
UM MUSEU DO *ROCK* NA CAPITAL DA *COUNTRY MUSIC*

Fotos: Rex Features

Nashville, Tennessee. A cidade que gira em torno dos estúdios de gravação da *Country Music* presta uma homenagem ao maior roqueiro de todos os tempos, em seu Museu Presley. Roupas de *shows*, fotografias, guitarras, uma moto Harley-Davidson, uma pistola de ouro e até a reconstituição do quarto de dormir de Elvis atraem os turistas ao museu, que, para não fugir à regra do *show business*, também vende *souvenirs* — réplicas em miniatura do material exposto na mostra.

(Fotos: Ismar Ingber)

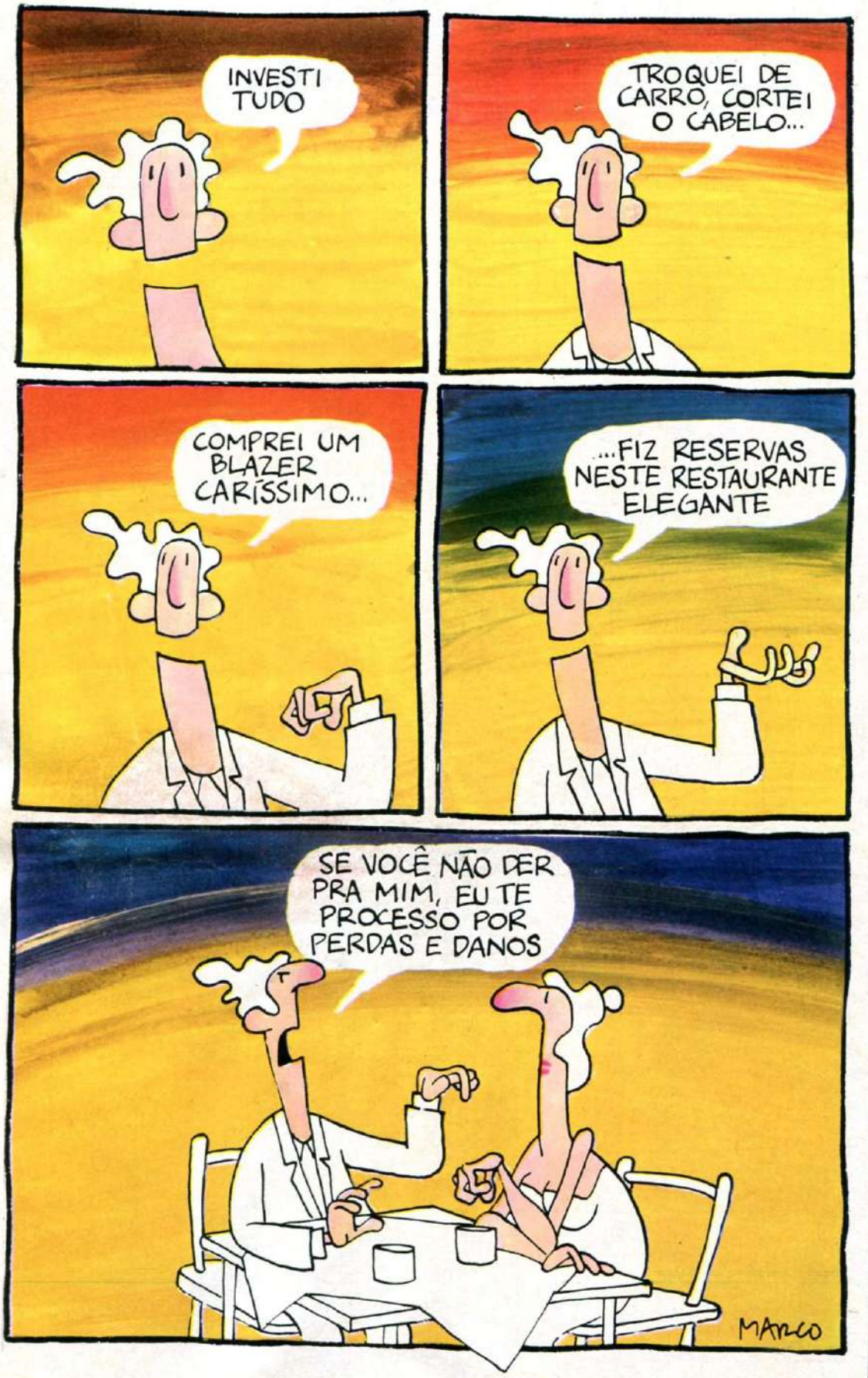
UMA FESTA DO ESPORTE, PARA ELES E PARA ELAS, NAS ÁGUAS DE ANGRA



No sábado, 8 de abril, a VII Regata ELE ELA-Portogalo. No domingo, 9, a final do I Campeonato Brasileiro de Pólo Aquático no Mar. As águas de Angra dos Reis se agitaram com os dois importantes eventos esportivos, realizados pelo Hotel Portogalo. A Regata ELE ELA-Portogalo, já tradicional em sua sétima edição, reuniu quase trinta veleiros de oceano tripulados, cada um, por um casal, e seus vencedores foram: Classe IOR: A) *Madria*; B) *Viva!* (Aurélio e Cristina Olmos). Classe RHC: A) *Iansã*; B) *Patchouly*; C) *Silene*. Na VII Regata, alguns veteranos e vitoriosos participantes da prova disputaram com outros estreantes neste torneio, mas que já prometeram participação no próximo ano. Os vencedores do I Campeonato de Pólo Aquático no Mar foram o Flamengo (equipe masculina) e o Paulistano (equipe feminina).

MARCELÃO, O LIBERADO

Por MARCO


INVESTI TUDO
TROQUEI DE CARRO, CORTEI O CABELO...
COMPREI UM BLAZER CARÍSSIMO...
...FIZ RESERVAS NESTE RESTAURANTE ELEGANTE
SE VOCÊ NÃO DER PRA MIM, EU TE PROCESSO POR PERDAS E DANOS
MARCO

ele ela

ELE ELA — DIRETOR EXECUTIVO: Lincoln Martins. DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho. REDAÇÃO: Sérgio Costa (chefe), Oswaldo Salomão, Marcos Tardin e Henrique Koifman. DIRETORA DE ARTE: Maria Joaquina Fernandes. MODA: Alberto Simões de Faria. FOTOGRAFIA: Paulo Reis e Indalécio Wanderley. DIAGRAMAÇÃO: Jorge de Carvalho, Cláudio David Rawicz e Wellington dos Santos Pereira. PRODUÇÃO: Carlos Affonso de Lima. DEPARTAMENTO COMERCIAL BLOCH EDITORES: David Klajmic. PUBLICIDADE: Roberto Antunes. PROJETOS ESPECIAIS: Fernando Câmara Cascudo. RIO DE JANEIRO: Ítalo Gargiulo. ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804 — Tel.: 265-2012 — Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 — Lucas — Tel.: 391-6000 — Rio de Janeiro — Telex: (021) 22751. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda. — Rua do Resende, 100 — Tel.: 221-3022 — Rio de Janeiro. BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro. *Publicidade:* Regina Coeli — Setor de Indústrias Gráficas — Quadra 1, Lote 939 — Tel.: 321-5411 — Telex: (061) 1058. SÃO PAULO: Diretores: Pedro Jack Kapeller e Salomão Schvartzman. COMERCIAL: Paulo Poucinha. PUBLICIDADE: Carlos Alberto Forgiarini. PUBLICIDADE E ADMINISTRAÇÃO: Rua 24 de Maio, 35 — 11.º andar — Tels.: 221-2810, 223-0292, 223-0384 e 223-9768 — Telex: (011) 32763 BLOC BR. REDAÇÃO: Av. Rebouças, 1.955 — Tel.: 282-3122. MINAS GERAIS: Lúcio Portella — Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar — Tel.: 273-3900 — Belo Horizonte — Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior — Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar — Tels.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre — Telex: (051) 1042. PERNAMBUCO: Heider Lopes — Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º ands. — Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife — Telex: (081) 1084. CEARÁ: Augusto César Benevides — Av. Antonio Sales, 2.666 — Aldeota. Tel.: (085) 244-9066. Telex: (085) 1865 — Fortaleza. BAHIA: Av. Tancredo Neves, 148 — Centro Empresarial Iguatemi — Bloco A — Salas 202 e 203 — Pituba — Tel.: (071) 358-5055 — Salvador — Telex: (071) 1214. PARANÁ: José Schlapak — Rua Mal. Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806 — Tel.: 224-8263 — Curitiba — Telex: (041) 5202. NOVA IORQUE: Sérgio Alberto da Cunha — 820 Second Avenue, suite 1.100 — New York, NY, 10.017 — Tels.: (212) 751-6605 e 986-2470 — Telex: (23) 261511 BLOCH UR. Fax Manchete-NY (212) 986-2934. PARIS: Sylvio Amaro da Silveira — 205, Avenue Gambetta — 75.020. Paris — Tel.: 436-25109. MILÃO: Daisy Benvenutti — Via del Bollo, 3 — Milano, 20121 — Itália — Tel.: 87-4007. TÓQUIO: Angel Esteves Dominguez — 1-10-11 — Higashigotanda — Shinagawa-Ku — Japão — Tels.: 445-4375 e 445-4383 — Telex: J32777 (TK00448)

• Assinatura anual para o Brasil, NCz$ 24,00. Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A., Rua do Russell, 766 — CEP 22.214 — Rio de Janeiro (RJ). Nos números atrasados, o valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas. Ninguém está autorizado a vender assinaturas desta revista.

IVC

Rastro
Conteúdo 120 ml
Net Cont. 4.05 Fl Oz
Rastro
CONTEÚDO 120ml
Rastro
aproxima as pessoas
Colônia, Talco, Desodorante, Desodorante Íntimo, Sabonete, Shampoo, Condicionador, Fixador e Lenço Colônia.
SIPARIO

A emoção de dar

MONDAINE

CONHEÇA O AMAZONAS PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
AR715